

LÚCIA APARECIDA DE CAMPOS SCISCI

**Estudo da atribuição de sentido a processos de  
significação verbais e não verbais de sujeitos  
afásicos**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

IEL – UNICAMP

2004

LÚCIA APARECIDA DE CAMPOS SCISCI

**Estudo da atribuição de sentido a processos de  
significação verbais e não verbais de sujeitos  
afásicos**

Dissertação apresentada ao Departamento de  
Linguística, do Instituto de Estudos da  
Linguagem da Universidade Estadual de  
Campinas, como requisito para obtenção do  
título de Mestre em Linguística, na área de  
Neurolingüística.

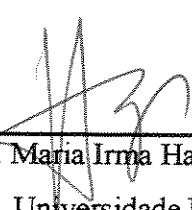
Orientadora: Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry

UNICAMP  
Instituto de Estudos da Linguagem  
2004

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Sci76e	<p>Scisci, Lúcia Ap. de Campos. Estudo da atribuição de sentido a processos de significação verbais e não verbais de sujeitos afásicos / Lúcia Ap. de Campos Scisci. - Campinas, SP : [s.n.], 2004.</p> <p>Orientadora : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Irma Hadler Coudry. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Afasia. 2. Atribuição de sentido. 3. Recursos verbais e não verbais. 4. Práticas discursivas. 5. <i>Dado-achado</i>. I. Coudry, Maria Irma Hadler. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
--------	---

Esta Dissertação foi apresentada e defendida perante Comissão Examinadora constituída dos seguintes professores:

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry - Orientadora  
Universidade Estadual de Campinas

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Wilmar D'Angelis  
Universidade Estadual de Campinas

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Rodolfo Ilari  
Universidade Estadual de Campinas

\_\_\_\_\_  
Profª Drª Silvana Mabel Serrani-Infante  
Universidade Estadual de Campinas

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Eduardo Guimarães - Suplente  
Universidade Estadual de Campinas

Este exemplar e a redação final da tese defendida por Lucia Aparecida de Campos Saici

e aprovada pela Comissão Examinadora em

27/07/2004  


2004(1)1015

Campinas, 25 de junho de 2004.

A meus pais, que com todo amor e carinho sempre, sempre estiveram e estão ao meu lado, mostrando, por suas vidas, a importância de amar e ser amado, a felicidade que reside nos pequenos gestos, na amizade, no amor ao próximo.

## **Agradecimentos**

A minha orientadora Maria Irma Hadler Coudry, companheira de tantas horas de trabalho, fonte de inspiração pela competência e alegria de viver, motivação de escolha pela área de Neurolingüística; por tantos momentos de aprendizagem e amizade.

Aos professores doutores Wilmar D'Angelis e Rodolfo Ilari, que, com leituras cuidadosas desta Dissertação, enriqueceram sua escrita por meio de seus comentários e questionamentos.

A meus pais, por estarem presentes em todos os momentos dessa caminhada, sempre com muito amor, cuidado, atenção e incentivo, ensinando-me a agradecer a Deus por tudo, todos os dias.

A minha família, a quem tanto amo, pela alegria que me proporciona, pelo amor que nos une. A meus sobrinhos Carol, Dedé e Murilo, por existirem em minha vida.

A meus eternos amigos, que, mesmo às vezes distantes, acrescentam tanto em minha vida, com seu carinho, suas palavras, seu interesse sincero, sua força, seu cuidado.

A meus médicos Dr. Gil, Dra. Paula, Dr. Edson e Dr. Ruiz, que cuidaram e cuidam do meu bem-estar com carinho e competência.

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b>	p. 15
<b>Summary</b>	p. 17
<b>Apresentação</b>	p. 19
1 - Escolha do tema	p. 20
1.1 - <i>Corpus</i> da Pesquisa: CCA	p. 21
1.2 - Atribuição de sentido: recursos verbais e não verbais	p. 22
1.3 - O conceito de <i>dado-achado</i>	p. 25
1.4 - Por uma Neurolinguística orientada discursivamente	p. 27
1.5 - O conceito de prática discursiva	p. 28
1.6 - Tabela de <i>dados-achados</i> desenvolvida neste estudo	p. 29
<i>Dado-achado</i> I: O enfermeiro, a UTI e a funerária	p. 31
<b>Capítulo I</b>	p. 37
Perspectiva teórica: linguagem e língua	p. 37
<b>Capítulo II</b>	p. 43
1 - Importância de tal estudo para o sujeito afásico	p. 43
1.1 - Interlocução e afasia: a linguagem como ação	p. 44

1.2 - Condições de recuperação da afasia e sua repercussão na vida do sujeito afásico	p. 46
---	-------

<b>Capítulo III</b>	p. 49
---------------------	-------

*Dados-achados* coletados em sessões (gravadas em vídeo) realizadas no CCA

<i>Dado-achado</i> II: O tráfico de crianças pelo juiz de Jundiaí	p. 49
<i>Dado-achado</i> III: O eclipse	p. 51
<i>Dado-achado</i> IV: Roberto Carlos	p. 52
<i>Dado-achado</i> V: A entrega do livro	p. 56
<i>Dado-achado</i> VI: Inglês e português	p. 58
<i>Dado-achado</i> VII: EF conversa com Ijt	p. 59
<i>Dado-achado</i> VIII: Apresentação de Ijt às novas integrantes MG e NF	p. 64
<i>Dado-achado</i> IX: Apresentação de SP para MG e NF	p. 67
<i>Dado-achado</i> X: A cidade de EF	p. 71
<i>Dado-achado</i> XI: A história de MG	p. 74
<i>Dado-achado</i> XII: Conversa com CF	p. 75
<i>Dado-achado</i> XIII: Mudança de horário	p. 79
<i>Dado-achado</i> XIV: A dificuldade de RN	p. 81
<i>Dado-achado</i> XV: CF fala sobre o grupo	p. 83
<i>Dado-achado</i> XVI: O tornado	p. 85
<i>Dado-achado</i> XVII: A receita	p. 88
<i>Dado-achado</i> XVIII: Basiléia no Brasil	p. 94
<i>Dado-achado</i> XIX: A filha de RN	p. 97
<i>Dado-achado</i> XX: Preocupação de CF com RN	p. 99
<i>Dado-achado</i> XXI: Bandeirantes	p. 102
<i>Dado-achado</i> XXII: Pergunta de EF	p. 105
<i>Dado-achado</i> XXIII: A queda de abacates no teto do CCA	p. 106
<i>Dado-achado</i> XXIV: A tinta desconhecida	p. 108



**Considerações finais**

p. 113

**Referências bibliográficas**

p. 117

## RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado trata do estudo da atribuição de sentido, em situações discursivas vivenciadas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA/IEL/FCM-UNICAMP), a processos<sup>1</sup> de significação verbais e não verbais dos sujeitos afásicos envolvidos em episódios interativos, de que participam afásicos e não afásicos. Trata-se de um estudo que toma o sujeito afásico como um sujeito pragmático, ou seja, falante de uma língua natural que partilha uma série de pressupostos com os demais sujeitos que compõem uma comunidade lingüística/discursiva (Mainueneau, 1989), a despeito do fato de ter, abruptamente, a linguagem afetada pela afasia. Esta pesquisa analisa o trabalho lingüístico-cognitivo produzido/interpretado pelos sujeitos participantes desse grupo. Tem-se como hipótese que afásicos e não afásicos - que convivem sistematicamente - partilham de conhecimentos mútuos (verbais e não verbais), dos quais lançam mão para a determinação do *intuito discursivo*<sup>2</sup>, em situações interativas, o que abre ao sujeito afásico a possibilidade de compreender e se fazer compreender, condição para se manter como sujeito *da e na* linguagem.

---

<sup>1</sup> A formulação *processos de significação* (Coudry & Possenti, 1983; Coudry, 1986/86) vem sendo estudada pela abordagem discursiva de Neurolingüística desde os primeiros trabalhos sobre afasia e tem como motivação teórico-clínica o fato de a afasia envolver em sua manifestação tanto processos verbais quanto não verbais. Em outras palavras, a afasia afeta a linguagem, a práxis e a relação com o corpo e a percepção. O sujeito afásico pode, às vezes, não conseguir manifestar-se verbalmente, mas pode conseguir fazê-lo por meio de gestos, desenhos, objetos, enfim, de recursos não verbais, na tentativa de interagir, de comunicar-se, de entender o que o outro diz/faz/pede/sugere, *etc.* Outros sujeitos afásicos precisam falar em voz alta enquanto realizam ações que envolvem objetos, tendo a linguagem nesse contexto, como já apontou Vygotsky (1984) para o desenvolvimento da linguagem, um efeito na organização das ações.

<sup>2</sup> Segundo MIKHAIL BAKHTIN (1992), o *intuito discursivo* ou o *querer-dizer* do falante, que determina o *todo* e a *amplitude* do enunciado, é captado, sentido, compreendido pelo ouvinte em qualquer enunciado, vinculando-se à situação única da comunicação verbal, marcada por parceiros individuais, circunstâncias individuais e enunciados anteriores.

## SUMMARY

This Master's Dissertation deals with the study of sense attribution, in discursive situations lived deeply in the Aphasic Center of Acquaintanceship of (CCA/IEL/FCM – UNICAMP), to verbal and non verbal meaning processes of involved aphasic subjects in interactive episodes, which aphasic and non aphasic subjects participate in. It has to do with a study that takes aphasic subject as a pragmatic subject, thus, natural speaker of one language that share a series of presupposed with the others subjects that compose a linguistic/discursive community (Maingueneau, 1989), in spite of having, abruptly, the language affected by aphasia. This research analyses the linguistic work produced/interpreted by the participant subjects of this group. It has as hypothesis that aphasics and non-aphasics subjects – that coexist systematically – share mutual knowledge (verbal and non verbal), of which they forgo for the determination of discursive intention (according to Mikhail Bakhtin (1992), the discursive intention or the meaning of the speaker, determines the whole and the amplitude of the statement, it is caught, sensed, understood by the listener in any statement, linking itself to the unique situation of verbal communication, marked by individual partners, individual circumstances and previous statements), in interactive situations, which shows the aphasic subject the possibility of comprehending and making itself comprehended, condition to keep itself as subject of and in the language.

## **Apresentação**

O interesse pelo estudo da patologia da linguagem, em geral, e pelo da afasia, em particular, do ponto de vista da Lingüística, foi despertado por disciplinas que cursei como aluna do Curso de Graduação em Letras (IEL/UNICAMP).

Tal interesse teve início durante o segundo ano do Curso de Letras, quando fiz a disciplina HL305 – Linguagem e Educação Especial, no segundo período de 1998, quando também observei, através do espelho espião, algumas sessões do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/IEL/UNICAMP), como parte do trabalho prático da disciplina. Prossegui meus estudos nessa área cursando as seguintes disciplinas ofertadas para os cursos de graduação do IEL: HL053 - Neurolingüística, no primeiro semestre de 1999 e HL 900 - Seminários em Lingüística, no primeiro semestre de 2000. A partir de 1999, portanto, dado esse interesse, comecei a cursar uma série de disciplinas do Bacharelado em Lingüística para, após o término do Curso de Letras (em 2000), matricular-me na Complementação em Lingüística para obter o título de Bacharel, em 2003.

Como parte da formação de pesquisador obtive Bolsa IC/FAPESP (Processo 01/01179-7), durante 08 meses (de junho de 2001 a fevereiro de 2002), em que desenvolvi uma pesquisa que envolve a questão da atribuição de sentido, por diferentes interlocutores (afásicos e não afásicos), a diferentes objetos, tendo como base uma concepção de linguagem enunciativo-discursiva e culturalmente marcada.

Destaca FLOSI (2003:xi) que "a abordagem discursiva dos estudos da linguagem na afasia se interessa por compreender as dificuldades apresentadas pelo sujeito em diversos contextos verbais e não verbais (vide p. 22), e não por classificar os possíveis desvios de linguagem que podem ocorrer em contextos patológicos".

A perspectiva discursiva focalizada nesta Dissertação, portanto, leva em conta fatores lingüísticos e ântropo-culturais (ou exterior discursivo), seguindo a tradição teórico-metodológica dos estudos que incorporam o sujeito em suas preocupações, ou seja, estudando a linguagem pública, utilizada por sujeitos que compõem uma comunidade de falantes de uma língua natural, em diversas situações pragmáticas, com diversos propósitos e em vários registros vernaculares, todos legítimos. Fazem parte desses fatores os que conjugam - no processo de atribuição de sentido - as imagens recíprocas entre interlocutores e sobre o referente - o *o que* e o *como* se fala - postas e implícitas na conversação, onde se produzem e se interpretam processos de significação. Nesse ponto, tal abordagem discursiva da afasia tem sua origem em pressupostos da Análise do Discurso<sup>3</sup> desenvolvidos por Osakabe (1979).

**1 - Escolha do tema** Todo o interesse pela problemática do sujeito afásico<sup>4</sup>, aliado à disposição para desenvolver estudos que pudessem auxiliá-lo de alguma forma, levaram-me a optar pelo caminho de pesquisa explicitado nesta Dissertação.

Assistindo a sessões semanais e gravadas em vídeo do Centro de Convivência de Afásicos, percebi situações em que as pessoas se entendem por vários recursos que não os essencialmente verbais, tais como: partilha de pressupostos de conhecimento, fatos que ocorrem na

---

<sup>3</sup> Domínio da Lingüística que será apresentado mais adiante, na versão enunciativa desenvolvida por MAINGUENEAU.

<sup>4</sup> Cabe aqui explicitar o conceito de afasia, tendo como posto de observação a Lingüística: “A afasia se caracteriza por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação.” (COUDRY, 1986/88:5). A afasia afeta um dos níveis lingüísticos – fonético-fonológico, sintático, semântico, ou pragmático - e há repercussão de um nível no outro no funcionamento da linguagem. (COUDRY, M.I.H., 1993, “Neuropsicologia: Aspectos Biológicos e Sociais”, In: RODRIGUES, N. & MANSUR, L. - Temas em Neuropsicologia. Série de Neuropsicologia, Volume I, págs. 38-57. SNBp). Também há afasias que afetam a relação da língua com sistemas não verbais, historicamente construídos.

vida do indivíduo e na vida em sociedade - e dois quais se fala -, subentendidos, fatores esses que contribuem para a intercompreensão, tal como ocorre entre sujeitos-falantes não afásicos. Essas observações levaram-me a escolher como tema para desenvolvimento desta pesquisa o estudo da questão da atribuição de sentido em contextos interativos, a processos de significação verbais e não verbais de sujeitos afásicos, em situações discursivas vivenciadas no CCA por sujeitos afásicos e não afásicos.

### **1.1 - *Corpus da Pesquisa: CCA***

**Breve histórico** O CCA foi criado em 1989, num esforço conjunto do Departamento de Lingüística e do Departamento de Neurologia da Universidade Estadual de Campinas. Funciona em uma sede própria no Instituto de Estudos da Linguagem, e se caracteriza como um espaço de interação entre pessoas afásicas e não afásicas (docentes, alunos de pós-graduação e de graduação em Lingüística, Letras e Fonoaudiologia). Do ponto de vista institucional, o CCA - que faz parte do Laboratório de Neurolingüística (LABONE) e a partir de março de 1998 responde por um ambulatório do Hospital de Clínicas - recobre três funções básicas e inter-relacionadas: de *assistência* e apoio a sujeitos cérebro-lesados e suas famílias, de *docência e pesquisa* (relativas à graduação e à pós-graduação na área de Neurolingüística), bem como de *extensão* (por meio de cursos de formação e divulgação). De 1989 a 1996 a Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry foi a docente do Departamento de Lingüística que deu condições para a criação e funcionamento do CCA; a partir de então divide tais responsabilidades com a Profa. Dra. Edwiges Maria Morato (até esta data fonoaudióloga do Departamento de Neurologia). Há dois grupos de afásicos e não afásicos no CCA: a condução do grupo I é de responsabilidade da Profa. Dra. Edwiges Morato, e a do grupo II da Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry, sendo que as sessões entre afásicos e não afásicos ocorrem uma vez por semana, durante o período de duas horas, e

são gravadas em vídeo<sup>5</sup>. Os afásicos que freqüentam o CCA são acompanhados clinicamente pelo neurologista e neuropsicólogo Prof. Dr. Benito Pereira Damasceno, do Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas/UNICAMP.

Como é a dinâmica de funcionamento das sessões do CCA?

Os participantes e seus acompanhantes chegam e se reúnem no banco de entrada do prédio do CCA, debaixo de um flamboyant, ou no *hall* de espera, a depender das condições do tempo, onde interagem até que comece a sessão. Entrando na sala de convivência, com a agenda em mãos, se acomodam em torno da mesa, onde há jornais do dia e revistas da semana. A investigadora responsável pelo grupo abre a sessão e os participantes vão se introduzindo na ordem do dia: uns trazem notícias de jornal para compartilhar com o grupo; outros contam fatos de sua agenda/vida; outros ainda trazem sugestões de atividades e oficinas a serem feitas (pintura; cozinha; artesanato; fotografia). Há dramatizações da vida em sociedade, justamente para viver a relação entre processos de significação assentados no sistema verbal e aqueles cujo sentido leva em conta o corpo, a práxis, a percepção; por isso cozinhamos – e comemos – juntos, por exemplo. Há sessões externas: em passeios, exposições, cantinas, padarias. E assim *acontecem - como um espetáculo*<sup>6</sup> as sessões do CCA.

## **1.2 - Atribuição de sentido: recursos verbais e não verbais**

Quais são as evidências percebidas pelos falantes para se entenderem? A leitura do livro “Análise da Conversação”, de LUÍS ANTÔNIO MARCUSCHI foi, ao lado das observações realizadas durante a análise das sessões e fitas de vídeo do CCA, esclarecedora nesse sentido.

MARCUSCHI (1986) ressalta que, durante a interação entre os falantes, a entonação, os gestos, os olhares, as caretas, o riso, os silêncios e

---

<sup>5</sup> Os afásicos que freqüentam o CCA (Grupo II) são acompanhados longitudinalmente, em sessões individuais realizadas pelas alunas de pós-graduação e fonoaudiólogas, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Irma Hadler Coudry.

os recursos verbais passam a funcionar integradamente, e a conversação, como algo dinâmico, foge a qualquer tentativa de categorização.

Em relação ao CCA, deve-se considerar que existe um pressuposto no grupo - o de que a língua “falada” por eles faz sentido. O todo do enunciado não é perdido, por ser suprido de outras maneiras: são considerados na atribuição de sentidos a processos de significação verbais e não verbais de sujeitos afásicos tanto os aspectos lingüísticos - morfologia, sintaxe, semântica, fonologia e uso (pragmática)<sup>7</sup> quanto os recursos não verbais, como a gesticulação, os meneios de cabeça, os movimentos do corpo, as expressões faciais (de dúvida, temor, alegria *etc.*) e outros, como os aspectos gráficos (pré-alfabéticos).

A escrita, quando se apresenta em níveis pictóricos ou através de ideogramas, também é tida como não lingüística, sendo também um meio eficaz de produzir significação: uma linha, uma mancha ou um ponto podem funcionar como operação auxiliar na construção do sentido.

CAGLIARI (2001) indica que a diferença entre desenhos, figuras, fotografias e a escrita está na maneira como representam o mundo: desenhos, figuras e fotografias, em geral, representam o mundo de maneira direta. A escrita, por sua vez, representa o mundo de maneira indireta, porque, na verdade, a escrita representa a fala, a linguagem, e é a linguagem que vai representar o mundo.

---

<sup>6</sup> No que segue o conceito de espetáculo, formulado por FOUCAULT (1977), apud COUDRY (1996).

<sup>7</sup> FLOSI (2003) destaca que a morfologia e a sintaxe são constituintes gramaticais, referindo-se a morfologia à estrutura da palavra constituída por um ou mais morfemas: flexão verbal, preposições, artigos *etc.* Já a sintaxe refere-se à estrutura da sentença e sua seqüencialização, como: sujeito-verbo-objeto. A semântica refere-se ao léxico/sentença, entendendo-se o léxico como sendo a seleção de nomes e a sentença como a designação do conteúdo informativo, a seqüência temporal, causa/efeito. Os aspectos fonológicos designam segmentos sonoros e traços mínimos e sua função (fonemas), os elementos prosódicos (prosódia) que caracterizam a extensão de uma sílaba, de palavras *etc.*, auxiliando na produção e interpretação de sentido. O uso da linguagem refere-se às características pessoais, nível sócio-cultural, características regionais e maneira como se está utilizando a linguagem, seja escrevendo ou falando.



Assim, tais recursos verbais e não verbais têm um papel fundamental na interação face a face, estabelecem, mantêm e regulam o contato: um olhar de cumplicidade, uma pausa, longa e/ou breve, um gesto ostensivo, um gesto de dúvida, por exemplo, uma palavra dita ou escrita, têm muito significado no processo de atribuição de sentido tanto para afásicos quanto para não afásicos.

Em se tratando do interlocutor (investigador), este não é um receptor passivo - como ocorre na aplicação de testes assentados em tarefas essencialmente metalingüísticas - já que lhe cabe atuar *com* e *sobre* a linguagem do afásico (incluindo a entonação, os gestos, as expressões fisionômicas, os movimentos corporais *etc.*) e, deste modo, atribuir sentido ao que é *dito e/ou expresso não verbalmente* e também ao que pode ser *inferido*<sup>8</sup>.

Embora existam gestos mais cristalizados que outros, assim como há recursos lingüísticos mais cristalizados que outros (GERALDI:1990), o sentido de um gesto não é determinado de antemão, é construído, partilhado por uma comunidade de sujeitos falantes, e está sujeito a diferentes interpretações. Os sentidos (verbais e gestuais), portanto, são sempre produzidos, exercidos e interpretados na interação social.

Nesse processo de produção e atribuição mútua de sentido, investigador e afásico são *sujeitos* da linguagem e *trabalham* (no sentido que FRANCHI (1977) confere a esse termo) *com*<sup>9</sup> e *sobre* a linguagem

---

<sup>8</sup> Em linhas gerais, um significado é inferido pelos participantes de uma conversação quando a interpretação realizada pelo ouvinte vai além do significado *dito* pelo falante.

<sup>9</sup> Esse *trabalho com a linguagem* (FRANCHI, op. cit.) requer a mobilização de vários processos cognitivos envolvidos na atividade simbólica, muitas vezes alterados em sujeitos cérebro-lesados (linguagem em suas diversas configurações textuais, memória, atenção, percepção, gestos, raciocínio por meio de inferências). O objetivo do atendimento em grupo desenvolvido no CCA é tornar visíveis tanto as alterações que o sujeito afásico apresenta e as tentativas de superá-las, quanto os processos alternativos de significação de que se utiliza para enfrentar as atividades verbais e não verbais às quais é exposto.

(atitude reflexiva do sujeito falante)<sup>10</sup>, por meio do jogo dialógico, da construção conjunta da significação, do recurso ao ponto de vista do interlocutor, da utilização dos interlocutores como base para os parâmetros da interlocução e da aceitabilidade social das expressões do sujeito afásico, da partilha e negociação das pressuposições que lhe permitem assumir na interlocução diferentes papéis *etc.*

Fazer-se compreender e compreender aquilo que é dito pelo outro, portanto, demanda uma participação ativa dos interlocutores na situação interativa, considerando-se a indeterminação da linguagem (vide Capítulo I), o fato de que o sujeito não é uno, mas se apresenta de várias maneiras, as condições pragmáticas e os pressupostos de conhecimento que orientam a construção do sentido.

No interior desta perspectiva, a linguagem do afásico, portanto, como a de qualquer sujeito falante, é também construída na interação, e a privação de situações interativas pode não lhe dar chance de exercer os múltiplos papéis de sujeito da linguagem, repercutindo de forma negativa em sua condição de sujeito falante. Torna-se claro, então, que saber dizer, fazer-se compreender, representar o que se conhece e reconhece no mundo não depende apenas de um conhecimento prévio dos recursos expressivos de que a língua dispõe, mas, fundamentalmente, de operações de construção de sentidos destas expressões no momento da enunciação<sup>11</sup>.

**1.3 - O conceito de dado-achado** Os dados em Neurolinguística, genericamente, no que diz respeito à afasia, são obtidos, segundo

---

<sup>10</sup> COUDRY (1995) salienta que, nesse processo, a afasia é tomada como um lugar de funcionamento da linguagem, de reconhecimento de sentidos que não estão dados previamente, mas se fazem em meio a contingências enunciativas e ântropo-culturais.

<sup>11</sup> Em seu livro *Inter-ação pela linguagem*, KOCH (1995:13) ressalta [...] “enunciação – ou seja, o evento único e jamais repetido de produção do enunciado. Isto porque as condições de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, objetivos visados na interlocução) são constitutivas do sentido do enunciado: a enunciação vai determinar a que título aquilo que se diz é dito”. [...] “A par daquilo que é efetivamente dito, há o modo como o que se diz é dito: a enunciação deixa no enunciado marcas que indicam (“mostram”) a que título o enunciado é proferido.”

COUDRY (1996:179), "em circunstâncias clínicas (de avaliação e acompanhamento terapêutico de sujeitos com lesão cerebral, causada por acidentes vasculares cerebrais, traumatismos crânio-encefálicos e tumores), mas a *construção dos dados* (ou seja, a delimitação *do que é dado em Neurolingüística*, ou seja, o que é relevante para cada teoria) pode seguir rumos diferentes, incompatíveis ou não".

As considerações feitas pela autora sobre o estatuto do dado em Neurolingüística delineiam, em princípio, três modos de construção dos dados: *dado-evidência* (primeiro modo), em que a metodologia psicométrica orienta a construção do dado no sentido da evidência. A psicometria é um conjunto de técnicas de natureza estatística, que permite estudar um conjunto de variáveis ou comportamentos psicológicos - dentre os quais a linguagem. O objetivo principal desta abordagem é medir o comportamento lingüístico e quantificá-lo. Neste caso, o empenho da Neurolingüística foi desenvolver baterias de testes que acabaram por se constituir no instrumento dominante de avaliação lingüístico-cognitiva de pacientes cérebro-lesados. Nesse sentido, o *dado-evidência* é construído pelos testes e resulta de manobras metodológicas, quais sejam, tabelas estatísticas, escalas diagnósticas, grupos-controle, produzidas para redundar em uma taxonomia das afasias; *dado-exemplo* (segundo modo), que é construído pelas hipóteses que já se tem. Não exige verificação empírica porque pode ser hipotético. Como sempre se vai encontrá-lo, sua construção é para ilustrar (dar brilho) às hipóteses construídas. O objeto de investigação é a própria teoria; e *dado-achado* (terceiro modo). Neste terceiro modo de construção dos dados, o qual interessa a esse estudo, o *dado é achado*, é produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento clínico de processos lingüístico-cognitivos. Essa é uma acepção de Neurolingüística que vem sendo desenvolvida no Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, desde a criação da área, no início dos anos 80.

À luz desta formulação teórica em Neurolingüística foram realizadas as análises de dados desta pesquisa, ou seja, com base em *dados-achados*, produzidos em diferentes sessões do CCA (gravadas em vídeo) observadas por mim pelo espelho espião. Os dados apresentados no Capítulo III são *dados-achados*, auxiliares na formulação teórica que aqui se delinea. Como já mencionado, a avaliação dos sujeitos afásicos desenrola-se em um espaço interativo e, por isso mesmo, os comentários, pausas, hesitações, reelaborações, gestos e entonação do sujeito não podem ser compreendidos a não ser no processo de interlocução. Tais dados foram analisados do ponto de vista da linguagem e sua relação com outros sistemas não verbais, e serão aqui apresentados, bem como sua análise lingüístico-cognitiva<sup>12</sup>.

Todo *corpus* representa um recorte, que pode obedecer a condições práticas ou teóricas, obedecendo a um critério de escolha. Nesta pesquisa foi selecionada uma série de *dados-achados* produzidos em diferentes *práticas discursivas*<sup>13</sup> vivenciadas por afásicos e não afásicos no CCA, reunida em um *corpus* que se mostrou relevante para o estudo da atribuição de sentido a processos de significação verbais e não verbais.

**1.4 - Por uma Neurolingüística orientada discursivamente** Os princípios teóricos que orientam as atividades verbais e não verbais desenvolvidas no CCA são motivados por uma Análise do Discurso (AD) – de tendência enunciativa – em que são fundamentais “o lugar da enunciação e o modo de organização textual” (MAINGUENEAU, 1994).

Esta AD é sensível à articulação de outros domínios da Lingüística (pragmática, semântica, sociolingüística *etc.*) na análise de fatos enunciativos. Para tanto, metodologicamente é tomada a decisão de avaliar

---

<sup>12</sup> NOVAES-PINTO (1999) indica que o fato destes dados serem construídos na interação faz com que haja um vínculo entre o investigador e o sujeito, relevante tanto para a emergência do dado, quanto para a própria terapia. Os *dados-achados* possibilitam que se possa enxergar, nos enunciados dos sujeitos, suas dificuldades específicas.

a linguagem por seu uso social: avalia-se o sujeito, inserido em uma comunidade lingüística (discursiva) e cultural, em meio a práticas significativas *com* e *sobre* a linguagem (relatos de acontecimentos da vida pessoal, comentários acerca de fatos noticiados - incluindo a montagem de murais com as notícias que mais se destacaram durante o mês), atividades teatrais e de culinária *etc.*, o que coloca o sujeito frente à agenda, jornais, revistas, noticiário, enfim, “frente ao conjunto de atividades a que o sujeito tem sido exposto durante a vida” (COUDRY, 2000/CD ROM).

Como destaca COUDRY (1986/88:65/66): "No que se refere às relações entre os participantes de um dado discurso, é preciso ressaltar que, embora cada um incorpore nelas uma parte da história de sua convivência, elas não são dadas previamente. Nos casos extremos como no início de uma relação investigador-sujeito afásico, pode não haver qualquer traço comum nessa história. Por isso é que essas relações, ao mesmo tempo em que constituem o discurso, são constituídas no discurso por uma "negociação" permanente. A negociação é um processo pelo qual os interlocutores procuram fazer coincidir as imagens que cada um faz do outro, comparam entre si os compromissos com a verdade e crenças que possuem sobre os eventos envolvidos na conversação, e testam a eficácia dos recursos expressivos de que se servem, escolhem a "clave" e o registro, enfim, o estilo da sua fala. Essa negociação pode vir explícita ou implícita, mas sempre está presente; mais ainda no caso de interlocutores que não se conhecem suficientemente".

**1.5 - O conceito de prática discursiva** O conceito de *prática discursiva* é tomado de MAINGUENEAU (1989) e diz respeito à reversibilidade essencial entre as duas faces do discurso, a *textual* (verbal) e a *social*, e em cujo trânsito se dá a relação da língua com a cultura, do sujeito com o outro e com o mundo. Do que se fala? Do que acontece,

---

<sup>13</sup> O conceito de *prática discursiva* será explicitado a seguir.

pode acontecer ou não, do que tem importância, do que se diz, do que se ouve *etc.*

Que práticas discursivas são realizadas no CCA? Leitura e comentários das notícias da semana, da vida de cada afásico, das agendas de cada afásico, apresentação de novos integrantes ao grupo, uso de ferramentas eletrônicas (e-mail, internet, ICQ) e exercício da culinária são exemplos de *práticas discursivas* que motivam afásicos e não afásicos a interagirem verbal e não verbalmente.

Assim, no CCA é realizado um trabalho *de* linguagem (que ocorre na interação), *com* e *sobre* a linguagem, a partir de uma série de procedimentos discursivamente orientados, bem como propostas trazidas pelos sujeitos afásicos, baseados no *o que ocorre* em nossa vida em sociedade e no *o que é* noticiado pela mídia, na agenda e em diversos aspectos da vida que compartilham.

Fazem parte, portanto, das atividades desenvolvidas no CCA, aquelas que convocam (e fazem exhibir) tanto processos de significação verbais quanto não verbais: muitas vezes, é no fluxo destes dois processos que são reveladas, do ponto de vista lingüístico-cognitivo, dificuldades específicas dos sujeitos cérebro-lesados.

**1.6 - Tabela de dados-achados desenvolvida neste estudo** Como vimos, esta pesquisa trata da atribuição de sentido em *dados-achados* produzidos em *práticas discursivas* em que, por exemplo, é possível observar o que ocorre quando um sujeito afásico começa a contar uma notícia, a partir de uma ou duas palavras cujo sentido é determinado por fatores contextuais e pragmáticos.

Será, a seguir, explicitado o uso da tabela do BDN - Banco de Dados Neurolingüísticos - em que os *dados-achados* são transcritos e algumas das

condições de sua produção são descritas. A forma de organização da tabela procura evidenciar a cena enunciativa entre sujeitos afásicos e não afásicos, no que diz respeito à atribuição de sentido, daí a divisão em quatro colunas: Sigla do locutor, Transcrição, Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais, Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais<sup>14</sup>.

A coluna *Sigla do locutor* traz as iniciais de investigadores e afásicos, indicando a alternância de turnos de conversação. A sigla dos investigadores tem a letra I como inicial (que vem de Investigador) e as duas letras seguintes em minúsculo, indicando as iniciais do nome do investigador. A sigla dos afásicos vem em maiúsculas, referindo-se a duas iniciais de seus nomes.

A coluna *Transcrição* retrata o que a pessoa disse, ou tentou dizer. Registra toda manifestação lingüística, incluindo palavras, expressões, falas, segmentos produzidos por afásicos e não afásicos, e aqueles que não fazem parte do léxico do português. Neste caso utiliza-se da Transcrição Fonética (TF), com base nos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA); a TF aparece entre colchetes - [ ] – e foi realizada pela pesquisadora. Também aparecem na coluna da Transcrição, entre barras (//), os segmentos ininteligíveis que não puderam ser transcritos. A presença de um colchete - [ - antes do enunciado indica que há sobreposição de vozes, e a presença de //hesitação//, //pausa// indica interrupção/quebra na dinâmica do enunciado por parte do sujeito falante.

A coluna *Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais* traz informações relativas ao modo como se

---

<sup>14</sup> As notações utilizadas neste estudo seguem as normas de transcrição do Projeto Integrado de Pesquisa: “Contribuições da Pesquisa Neurolingüística para a Avaliação do Discurso Verbal e Não Verbal” (UNICAMP/CNPq: 521773/95-4). São critérios de codificação, propostos e utilizados pelo BDN, que se encontra em andamento, podendo, pois, ocorrerem modificações nesse sistema de codificação, que pela natureza dos dados, tem sido (re)elaborado ao longo do Projeto, ajustando-se a cada pesquisa.

apresenta a enunciação verbal (como a sigla TF, indicando os momentos em que ocorrem Transcrições Fonéticas; tom de voz - indicando afirmação, surpresa, susto *etc.*, e tornando possível uma interpretação mais exata do enunciado -; risos; condições de produção do enunciado, como fala silabada; e explicações acerca da ocorrência de segmentos ininteligíveis, tais como baixa intensidade de voz, sobreposição de vozes). Também aparece a indicação da ocorrência de *prompting*<sup>15</sup>, e da utilização, por parte dos sujeitos afásicos, da escrita<sup>16</sup>, prática realizada desde os primeiros estudos discursivos da afasia (COUDRY, 1986/88; 2002 e FLOSI, 2003<sup>17</sup>).

A coluna *Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais* traz informações relativas à linguagem não verbal, tal como gestos, olhares, uso de objetos, enfim, de recursos não verbais utilizados na enunciação pelos participantes da sessão e que contribuem para a compreensão do enunciado.

Tal representação em tabela dos *dados-achados* pode ser “visualizada” no exemplo abaixo, e mais adiante, no Capítulo III, dedicado à análise dos *dados-achados*:

***Dado-achado coletado em sessões (gravadas em vídeo) realizadas no CCA***

*Data: 12/05/99 – A sessão conta com a presença do pesquisador Dominique Maingueneau, em visita ao Centro de Convivência de Afásicos.*  
Investigadora: Imc, Iap  
Sujeitos: GR, JB, EF, SI, SP

---

<sup>15</sup> FEDOSSE (2000) mostra que o *prompting* favorece o (re)conhecimento acústico e visual do gesto fonoarticulatório, podendo ser caracterizado como um procedimento interativo por parte do investigador - que tem como um de seus papéis dar continuidade à interlocução -, que ocorre na forma de um processo complementar por parte do sujeito que manifesta dificuldade com a iniciativa verbal.

<sup>16</sup> Para uma pesquisa dedicada à escrita no contexto da afasia, ver a Dissertação de Mestrado de ANA PAULA SANTANA (2002) - Escrita e afasia: o lugar da linguagem escrita na afasiologia.

<sup>17</sup> A Dissertação de FLOSI (op. cit.) mostra o papel da representação escrita da linguagem (desenho e escrita alfabética) e dos gestos/corpo no desencadeamento da linguagem oral de duas pessoas afásicas que acompanhou longitudinalmente - MG e NF - no Laboratório de Neurolinguística (LABONE/IEL/UNICAMP).



### **Dado-achado I: O enfermeiro, a UTI e a funerária<sup>18</sup>**

Os participantes apresentam-se a Dominique Maingueneau e comentam com a investigadora as novidades da vida de cada um, as notícias e acontecimentos de destaque durante a semana, veiculados no noticiário escrito e falado. Em meio à conversa, JB<sup>19</sup> tenta contar uma notícia para a investigadora:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
JB	Ah, oh, oh, morreu.		
Imc	Morreu...		
JB	Morreu... ah... //hesitação// UTI.		
Imc	Ah! 'Cês viram aquele horror, daquele...	Tom: surpresa	
Imc	Foi no Rio de Janeiro?		
Imc	No Rio ou em São Paulo?		
JB	São Paulo.		
Imc	Aquele enfermeiro... que que ele fazia?		Faz o gesto de injetar uma seringa no braço.
JB	Injetava.		
Imc	Injetava uma substância, não sei o que era, que apressava a morte de pessoas que estavam em estado grave, é isso, JB?		
JB	Eh, eh...		
Imc	Pra que ele fazia isto?		
JB	Morreu...		
Imc	Mas que... Por que, qual era o negócio dele?		

<sup>18</sup> A análise dos *dados-achados* foi revisada e acrescida de descrições e informações, após a leitura de dois artigos de SCHEGLOFF (sugerida pelo Prof. Dr. Rodolfo Ilari): “*Analyzing Single Episodes of Interaction: An Exercise in Conversation Analysis*” e “*On some gestures’ relation to talk*”.

<sup>19</sup> JB é um senhor de 53 anos, que em 21/05/93 sofreu um AVC isquêmico cujas conseqüências foram uma hemiplegia proporcionada à afasia do tipo motora (afasia de Broca), caracterizada por parafasias semânticas e fonológicas, com dificuldades de encontrar palavras. Passou a freqüentar o CCA em setembro de 1993.

EF			Faz o gesto de dinheiro.
Imc	Isto, mas com quem? Fu...	A investigadora dá o <i>prompting</i> para Funerária.	
EF	Funerária.		
Imc	Ele tinha negócio com uma funerária. A funerária... é a miséria humana completa. Ele era enfermeiro de um hospital. É isto? Aí... a funerária.	Tom: indignação	
JB	Pagava.		
Imc	Era... //hesitação// acho que 80 reais pra pacientes terminais e traumatizados por acidentes, era muito mais, era o dobro. Traumatizados era mais. Aí a faxineira do... a faxineira que descobriu que durante o plantão dele... o que acontecia?	Tom: indignação	
JB	Morreu...		
Imc	Morriam mais pessoas... aí ela descobriu. A faxineira, quer dizer, os dirigentes do hospital nada descobriram. A faxineira percebeu que morria mais gente durante o plantão dele. E aí ele fala, né, vocês viram o depoimento dele? Ouviu isto SI? Não viu? GR viu?	Tom: indignação	
GR			Faz gesto afirmativo com a cabeça.
Imc	Uma cara de maluco.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolingüística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

No episódio interativo acima, o conhecimento de mundo partilhado pela investigadora e por JB, assim como a utilização de gestos por Imc, EF e GR atuam em conjunto e possibilitam a interpretação imediata do enunciado de JB. Tal conhecimento de mundo, neste *dado-achado*, refere-se ao fato de que tanto JB quanto Imc haviam assistido, na véspera, ao Programa do Fantástico - TV Globo, em que apareceu a notícia do enfermeiro que matava pessoas porque tinha um "negócio" com uma Funerária, promovendo o processo de atribuição de sentido.

JB, mesmo contando a notícia com poucas palavras "Ah, oh, oh, morreu", com a participação da investigadora consegue, apesar da dificuldade, dar continuidade a seu relato "Morreu... ah... UTI", "São Paulo", "Injetava", "Pagava" e se fazer compreender rapidamente pelos interlocutores que tinham conhecimento da notícia: Imc e EF (que tendo uma afasia que afeta a produção verbal, manifesta-se fazendo o gesto de dinheiro, ou seja, *mostrando* o dinheiro que o enfermeiro ganhava da Funerária, e *dizendo*, com ajuda do *prompting*, "Funerária").

É possível observar no *dado-achado* acima (e em vários outros *dados-achados* dentre os apresentados nesta pesquisa), que os gestos podem substituir, acompanhar e/ou relacionar linguagem e percepção de sujeitos afásicos e não afásicos, como se dá (i) quando a investigadora Imc faz o gesto de injetar uma seringa no braço, ao mesmo tempo em que pergunta o que o enfermeiro fazia; (ii) quando EF faz o gesto de dinheiro, procurando explicar qual o negócio que o enfermeiro tinha; e (iii) quando GR faz um gesto afirmativo com a cabeça, confirmando que tinha conhecimento da notícia.

O processo de atribuição de sentido deste *dado-achado* se beneficiou do conhecimento do fato veiculado pelo Programa do Fantástico, por parte, principalmente, de dois interlocutores (JB e Imc), e das palavras e gestos relacionados (JB, EF, GR), na recontagem da notícia. No caso de o assunto abordado pelo sujeito afásico não ser do conhecimento dos demais interlocutores, há necessidade de um maior tempo e esforço dos participantes da sessão em compreender seu *intuito discursivo*. É importante salientar que tal situação não desanima os interlocutores, que procuram se empenhar até que consigam expressar em palavras, gestos, percepções, o sentido que buscam veicular na situação interativa vivenciada por afásicos e não afásicos.

Como pode ser notado neste *dado-achado*, a constante participação do investigador, que se interessa pelos temas propostos pelos sujeitos, fazendo perguntas, comentários, inferências, associações tem se revelado um instrumento teórico-clínico eficaz para que o sujeito afásico se expresse, e atribua sentido.

A participação do investigador/interlocutor se caracteriza por administrar a dinâmica da conversação, cujas regras são culturalmente inscritas, por um lado, e, por outro, contruídas e vivenciadas por esse grupo em particular: são respeitados os silêncios, as pausas, o tempo que o afásico pode demorar para falar, as interrupções de discursos mais longos que possam atrapalhar o andamento da sessão. Além disso, provoca-se a fala dos afásicos, dá-se alternativas dentre as quais o afásico poderá escolher *etc.*

Por que essa dinâmica? Interessa a esta pesquisa a linguagem exercida na interação recíproca dos interlocutores nas diversas situações discursivas em que se envolvem, e a tarefa interpretativa consiste em lidar com o conjunto de fatores que atuam na construção do sentido e com o *intuito discursivo* expresso, parcialmente, na enunciação.

SCARPA (1995:167) ressalta que "falamos de modo diferente quando nos dirigimos a estrangeiros, bebês, computadores e pessoas com problemas de audição. Modulamos nossa fala, mesmo involuntariamente, em resposta a fatores fisiológicos e emocionais".

Assim também ocorre com relação à afasia, em que os interlocutores participantes das sessões do CCA, tendo conhecimento das dificuldades de seus companheiros de grupo, respeitam os silêncios, as pausas, os momentos em que há demora para se conseguir falar ou até mesmo quando não se consegue falar. Há, também, interrupções, falas sobrepostas, e o exercício da "condição humana", orientada pela linguagem verbal, pelo

riso, pela partilha de sentimentos, pelo companheirismo. No caso de não se conseguir entender o *intuito discursivo* do sujeito afásico, há recurso à escrita, gestos, olhares, enfim, a outros processos de significação a que recorrem os sujeitos afásicos na busca de se fazer compreender.

## Capítulo I

***Perspectiva teórica: linguagem e língua*** Para explicitar a *concepção de linguagem* adotada neste estudo, toma-se como ponto de partida a concepção de linguagem descrita em FRANCHI (op. cit.): “Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos ‘cortes’ metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal salvo o processo – a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’ que, ao mesmo tempo, constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo, em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias”.

Característica essencial dessa concepção de *linguagem* é sua natureza indeterminada, o que significa considerar que as expressões lingüísticas não carregam em si todos os elementos necessários a sua interpretação. O sentido não é dado previamente; ao contrário, depende de uma série de fatores: contextuais, históricos, culturais, lingüísticos *etc.* É, pois, enquanto discurso, ou seja, envolvendo um conjunto de fatores lingüísticos, contextuais e intersubjetivos, que a significação é possível.

Nesta pesquisa assume-se, pois, uma concepção de linguagem, como destaca COUDRY (1997:10), “que segue a tradição de estudar a linguagem pública, o sujeito, a enunciação, os fatores que se conjugam na atribuição de sentido, as imagens que se formam entre interlocutores, a dialogia que atua nos processos de significação. Esta é uma concepção abrangente de linguagem, baseada na hipótese de indeterminação da linguagem postulada por FRANCHI (op. cit), cujos conceitos de atividade

constitutiva e trabalho atribuem, sob parâmetros ântropo-culturais, ao sujeito (mesmo afásico) o exercício da linguagem (mesmo fragmentária)”.<sup>20</sup>

Cabe por essa concepção de linguagem, portanto, estudar a significação como construída pelos interlocutores, através de um conjunto de fatores convergentes (sem deixar, entretanto, de incluir entre esses fatores os valores cristalizados culturalmente em sua própria linguagem). Seguindo essa tradição de incorporar a Lingüística nos estudos de patologia da linguagem, a questão da atribuição de sentido torna-se relevante como pesquisa para a área de Neurolingüística de nossa Universidade.

A língua, no interior desta concepção de linguagem aqui adotada, é vista como um sistema que comporta variações e formas mais ou menos adequadas de uso. Os recursos expressivos de uma *língua*, portanto, se descontextualizados, são ambíguos, polissêmicos e insuficientes para que a interpretação aconteça, daí a importância do trabalho *com e sobre* a língua realizado pelo sujeito, tornando-se “autor” (a noção de autoria é tomada de FOUCAULT: 1996<sup>21</sup>) de seus enunciados, o que deve ser compreendido

---

<sup>20</sup> Conjugam-se à visão discursiva da linguagem na afasia uma concepção sócio-histórica da atividade mental, elaborada cientificamente por VYGOTSKY e seus seguidores – entre eles o neurologista e neuropsicólogo A. R. LURIA – que veio mudar o rumo da Neuropsicologia e da Neurolingüística, tradicionalmente baseadas em uma visão localizacionista e organicista da representação da linguagem no cérebro. A partir dos estudos de LURIA, as funções psicológicas superiores do homem passam a ser reavaliadas e, em casos de lesões cerebrais, reabilitadas, levando-se em conta sua natureza social e estrutura sistêmica. O fato de constituírem-se sistemas funcionais dinâmicos (isto é, capazes de reorganizações e rearranjos conforme a tarefa em pauta) explica porque as funções psicológicas e as correspondentes regiões cerebrais que as processam apresentam alto grau de plasticidade, podendo haver novos (re)arranjos córtico-cerebrais. E como essas funções nascem da prática sócio-histórica (sendo elas, não “faculdades mentais” abstratas, mas modos como o sistema cognitivo-cerebral-organísmico humano funciona na atividade que as recruta), compreende-se porque, no processo terapêutico, o ambiente e as atividades praxiterapêuticas devem ser as mais próximas possíveis às da vida humana. (In Cad. Est. Ling., Campinas, (32):89 – *Neuropsicologia e Neurolingüística*, BENITO P. DAMASCENO).

<sup>21</sup> Em *A Ordem do Discurso*, Foucault entende o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real. Segundo Foucault, o princípio do autor limita o acaso do discurso pelo jogo de uma *identidade* que tem a forma da *individualidade* e do *eu*.

levando-se em conta os condicionamentos histórico-ideológicos a que os sujeitos estão expostos. A língua resulta, portanto, de um trabalho coletivo e histórico, de uma experiência que se reproduz e se perpetua. POSSENTI (1995), baseado em PÊCHEUX e FUCHS (1975), resume bem essa posição: “as formas lingüísticas não subsistem separadas de fatores culturais, ideológicos, históricos”.

Esta pesquisa, também, partilha da concepção de *língua* de GERALDI (1991:12), que a define como uma sistematização aberta, constituída pelo trabalho lingüístico ininterrupto dos sujeitos falantes, que convivem com duas exigências contrárias, “uma tendência à diferenciação, observável a cada uso da expressão” – a novidade que cada sujeito falante confere à sua enunciação – e uma “tendência à repetição, pelo retorno das mesmas expressões com os mesmos significados presentes em situações anteriores” – o já-dito por muitas pessoas.

Considera-se aqui, portanto, que a função da língua não é apenas a de comunicação que por ela as pessoas estabelecem, desempenhando também um papel fundamental na troca e atribuição de valores, atitudes, interpretações *etc.* Sendo indeterminada, existe um ambiente lingüístico favorável para a atividade do sujeito, caso contrário, como mostra COUDRY (1986/88:67): “[...] cada nova ocorrência seria construída pela simples combinação de elementos lingüísticos mediante regras necessárias e seu “autor” seria de fato “o falante”, não um sujeito[...]”. Isto quer dizer, em linhas gerais, que a língua dispõe de múltiplos recursos expressivos, que associados a fatores como o contexto, a situação, a relação entre os interlocutores *etc.*, irão fornecer condições de determinação de um dado enunciado.

Considerando que esta pesquisa investiga o processo de atribuição de sentido relativo a processos verbais e não verbais de sujeitos afásicos em situações interativas entre sujeitos afásicos e não afásicos, não seria



possível tomar como quadro de referência, portanto, modelos teóricos que excluem, por pressuposto metodológico, o próprio sujeito. Tem-se como tradição estudar as afasias sob outro ponto de vista, em contraposição a esta visão discursiva dos fatos de linguagem na afasia: o ponto de vista que considera a linguagem como um *código* do qual o afásico perdeu partes, o sujeito como um *falante ideal* (COUDRY,1988) e a *língua* como um conjunto de normas, de tradição gramatical, a serem seguidas. De acordo com essa concepção não se investiga a linguagem em funcionamento na afasia, mas sim, o que não está funcionando, ou seja, o *déficit*, o erro, a falha - e isto segundo uma visão normativa e preconceituosa de língua.

FREIRE (1999) salienta que a noção sobre linguagem que a toma como um *código* reduz o trabalho dos interlocutores participantes de uma determinada *prática discursiva* à codificação e decodificação de mensagens, isoladas de fatores contextuais e históricos. Há, portanto, uma associação direta entre o que é dito e o que é entendido, e embora a língua ofereça inúmeros recursos expressivos eles não são usados para "codificar" integralmente o sentido pretendido<sup>22</sup>. O funcionamento da linguagem é freqüentemente marcado por lacunas que são preenchidas pragmaticamente pelos sujeitos, ao interpretarem o que lêem e ouvem, como poderá ser observado na análise dos *dados-achados*, no Capítulo III.

Na perspectiva adotada neste estudo, que recusa uma concepção de linguagem como código para avaliar e tratar (d)a linguagem na afasia, a produção e a interpretação dependem do contexto e das condições de produção dos enunciados, gestos e ações, tendo em vista que se assume a hipótese da indeterminação da linguagem postulada por FRANCHI (op. cit.), à luz do que há vários fatores (verbais e não verbais) que se conjugam para a determinação do sentido.

---

<sup>22</sup> Como exemplo, suponhamos que tenha acontecido uma partida de futebol entre os times Bahia e Remo, em que o time do Bahia ganhou de 4 a 0. Se um torcedor do Bahia disser para um amigo: "Que beleza o jogo ontem, hein?", estará demonstrando contentamento com o desempenho de seu time, ao passo que, se um torcedor do Remo disser a mesma frase, estará demonstrando descontentamento com o resultado do jogo.

Para recusar a aplicação na afasia de dicotomias como a de língua e fala, e de uma concepção de linguagem baseada no conceito de código<sup>23</sup>, citam-se quatro aspectos inter-relacionados que caracterizam esta pesquisa: o da linguagem como uma ação sobre o outro, o das relações das expressões com determinadas situações de fato, o das marcas do sujeito na produção e interpretação do sentido (marcas da subjetividade na linguagem) e o de fatores não explícitos que atuam na produção e interpretação do sentido.

A concepção abrangente de linguagem originada em FRANCHI (op. cit.), adotada por este estudo, inclui, portanto, além da própria língua, a dimensão social e contextual em que se dão as interações entre as pessoas de uma dada comunidade lingüística e a atividade do sujeito falante, o trabalho lingüístico-cognitivo que ele exerce a cada enunciado e que atravessa o curso de sua própria língua. Como destaca FREIRE (1999:56), "interessa, pois, nesta visão de linguagem, o seu pleno funcionamento em situações concretas de uso cognitivo e social. Cognitivo, porque se admite a existência de uma face interna (também de natureza social), individual, privada, o discurso interior, que tem um papel fundamental na organização e regulação de outros processos cognitivos. Social porque expõe e se serve da materialidade da linguagem, a língua do sujeito falante, balizada por critérios estritamente lingüísticos - advindos das características do sistema lingüístico propriamente dito - e discursivos - decorrentes das regras que regulam as interações sociais de uma dada comunidade lingüística e que surgem na prática com a linguagem (e não fora dela)". Ganham importância, portanto, nesta concepção de linguagem, as *práticas*

---

<sup>23</sup> Ver SAUSSURE:1916. Essas dicotomias se inscrevem num quadro teórico-metodológico cuja concepção supõe a regularidade e "normalidade" dos processos lingüísticos: a língua é, nesse sentido, um "objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos de linguagem". No entanto, reduzir as questões de linguagem que afetam a afasia à dicotomia língua/fala, formulada por SAUSSURE e realizada com outros propósitos, é perder inúmeros processos envolvidos na construção da significação (o conjunto das pressupões de fato, o conhecimento mútuo, condições objetivas da situação imediata, a imagem recíproca que fazem os interlocutores *etc.* que se incluem nas condições de produção do discurso).

*discursivas* que relacionam o sistema verbal com outros sistemas não verbais.

## Capítulo II

**1 - Importância de tal estudo para o sujeito afásico** À afasia, que decorre de lesão cerebral adquirida por sujeitos até então “normais” do ponto de vista de sua capacidade de utilizar a linguagem para propósitos variados, podem estar associados sinais neurológicos, como paresias ou paralisias, e psíquicos, como alterações da atividade gestual (as apraxias) ou da percepção (as agnosias). A afasia altera a linguagem, tanto oral como escrita, em termos de processos de significação<sup>24</sup>, tanto verbais quanto não verbais, repercutindo em todos os aspectos da vida do sujeito afásico e das pessoas que convivem diretamente com ele.

Assim, a maneira como se lida social e subjetivamente com a afasia condiciona, de certa forma, a sorte dos que com ela convivem. Qualquer que seja o cenário, ele acaba por influenciar fortemente o processo de recuperação da linguagem ou a possibilidade de adaptação ou reinserção sócio-ocupacional dos sujeitos afásicos.

Todo sujeito falante de uma língua natural passa por situações em que fala mais ou menos do que gostaria ou deveria, em que é flagrado dizendo de forma inesperada uma palavra por outra, em que interpreta de maneira inadequada o que outros sujeitos falantes escrevem ou dizem, em que é considerado lento ou rápido demais para falar, e nem por isso é considerado patológico. Tais situações compõem o funcionamento normal da linguagem e mostram que ninguém é um falante ideal e que a comunicação humana é repleta de percalços. Ocorre algo semelhante com o afásico, que também não é afásico o tempo todo. Pessoas afásicas ou não afásicas nunca detêm o controle do sentido do que dizem ou interpretam, e nem por isso deixam de interagir, significar, atuar simbolicamente no mundo *etc.*

---

<sup>24</sup> Exemplos de processos alternativos de significação, de natureza verbal, podem ser encontrados em Coudry, 1986/88, às págs. 153, 154, 182, 183.

A propósito desse posicionamento frente à afasia, convém citar MORATO (2000), que ressalta que “[...] a linguagem pode ser “recuperada” na afasia porque ela não foi “perdida” quando se instalou um *páthos*; a linguagem não se perde mesmo quando ela parece ter se rompido (é da linguagem mesma que uma outra linguagem há de surgir, e não simplesmente da memória ou da percepção). De um gesto expressivo ou interpretativo de um afásico podemos dizer, parafraseando FOUCAULT: aqui há linguagem. Por isso podemos mesmo dizer, a respeito de um afásico que perde a palavra ou a melhor forma de trabalhar com seus recursos lingüísticos, que ele não perde necessariamente sua capacidade discursiva”. “[...] A aventura existencial que a linguagem representa não desaparece com a presença da afasia”.

E a presença do investigador (interlocutor)<sup>25</sup> é de fundamental importância para a “recuperação” da linguagem pelo afásico. A situação interativa redimensiona a ação do sujeito *com* e *sobre* a linguagem, trazendo novos elementos para a situação discursiva que não seriam possíveis sem a sua presença: confirmações, questionamentos, relações, informações, esclarecimentos *etc.*

Assim, o que o outro diz e como diz durante a interação tem um papel fundamental no desenvolvimento das atividades, inclusive no que se refere ao estabelecimento de outras relações e compreensões por parte do afásico. O investigador muitas vezes funciona como um “intérprete”, atribuindo sentido à entonação e à gestualidade corporal e facial do sujeito afásico ao falar.

**1.1 - Interlocução e afasia: a linguagem como ação** No domínio da pragmática, MAINGUENEAU (1989)<sup>26</sup> apresenta a idéia de que a

---

<sup>25</sup> O investigador é um interlocutor privilegiado, por ser um Linguista, um especialista em afasia, pesquisador e professor da área de Neurolingüística.

<sup>26</sup> E outros autores antes dele, como AUSTIN, SEARLE e DUCROT.

linguagem é considerada uma forma de ação; cada ato de fala é inseparável de uma instituição que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado. Este ato é considerado pertinente através de sua própria enunciação. Assim, um sujeito ao enunciar presume uma espécie de “ritual social da linguagem”, implícito, partilhado pelos interlocutores (referência à ordem *jurídica* – os atos de fala acionam convenções que regulam institucionalmente as relações entre sujeitos, atribuindo, a cada um, um estatuto na linguagem).

A pragmática também extrai, segundo MAINGUENEAU, modelos do *teatro*, como ressaltava O. DUCROT: “a língua comporta, a título irreduzível, um catálogo completo de relações inter-humanas, toda uma coleção de papéis que o locutor pode escolher para si e impor ao destinatário”.

A pragmática também realiza empréstimos junto ao *domínio do jogo*, devido às fortes afinidades entre jogo, dramaturgia e convenções sociais, principalmente na cultura anglo-saxã. É possível, assim, enfatizar, juntamente com JOHN R. SEARLE que: “Quando falamos, adotamos uma forma de comportamento intencional regida por regras. [...]”. E tais regras pressupõem instituições que são as únicas capazes de lhes instituir sentido.

MAINGUENEAU destaca que a pragmática, de modo geral, tende a dar ênfase ao fato de que “a tomada da palavra” constitui um ato virtualmente violento que coloca outrem diante de um fato realizado, exigindo que este o reconheça como tal. Ao enunciar, o locutor concede a si um certo lugar e atribui um lugar complementar ao outro, pedindo-lhe que se mantenha nele e que reconheça que é exatamente aquele que fala de seu lugar. Pedido que é feito, pois, a partir de um quem é o locutor para o outro, quem é o outro para o locutor.

A atribuição de sentido à linguagem do afásico, portanto, é tecida por afásico e não afásico, à medida que interpretam sentidos, explicitam propósitos, levantam dúvidas, fazem uso de pressupostos, subentendidos<sup>27</sup>, inferências, negações, afirmações *etc.*

**1.2 - Condições de recuperação da afasia e sua repercussão na vida do sujeito afásico** A qualidade dessas tentativas, descobertas, trabalhos que o sujeito faz *com e sobre* a língua pode indicar o que de patológico existe e o que é próprio da linguagem em qualquer condição.

Nesse sentido, as atividades coletivas desenvolvidas no CCA criam condições para que o sujeito cérebro-lesado coloque sua linguagem em funcionamento, por meio das mais diferentes *práticas discursivas*. Tais atividades mostram, por meio de uma dinâmica particular, o modo como o sujeito afásico enfrenta (ou não) suas próprias dificuldades e como reage frente à dificuldade dos outros sujeitos, além de expor alternativas e soluções das quais se serve nas interlocuções de que participa. Como exemplo, tem-se o recorte de parte do enunciado do interlocutor para a construção de seu próprio enunciado, mecanismo que pode ser utilizado pelo afásico nas *práticas discursivas* em que se envolve<sup>28</sup>.

Conseguir manifestar-se através da linguagem, portanto, possibilita ao afásico o contato social, a retomada de boa parte, pelo menos, de suas relações e atividades, a readaptação profissional, a recuperação e melhora de sua auto-estima. Possibilita o reconhecer-se como sujeito falante, melhorando, assim, a relação subjetiva com a nova realidade de vida após

---

<sup>27</sup> Para DUCROT (1987), a pressuposição é vista como parte integrante do sentido dos enunciados (Por exemplo, no enunciado *Jacques continua fumando*, a indicação *Jacques fumava antigamente* é chamada de *pressuposto*). O subentendido, por sua vez, diz respeito à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo destinatário, que deve descobrir qual a imagem que o locutor pretende dar de sua fala (Por exemplo, no enunciado *Se Pedro vier, Jacques partirá*, a indicação *Se Pedro não vier, Jacques não partirá* é chamada de *subentendido*).

<sup>28</sup> Tais atividades diferem, como indica COUDRY (1986/88), daquelas adotadas pelo ponto de vista tradicional que toma a língua como código, a fala como ato fisiológico, o discurso como uma seqüência hierárquica de palavras e sentenças, a linguagem como conduta verbal.

o acontecimento neurológico, o que pode contribuir significativamente para minimizar as repercussões sociais da afasia.

A exclusão do sujeito afásico pode levar a um agravamento de seu quadro clínico, a um grau de severidade maior de sua afasia, dificultando o relacionamento com a família e com os amigos, a execução das tarefas do dia-a-dia (como comprar pão, jornal, pegar um ônibus, um táxi *etc.*) e uma nova inserção no mercado de trabalho, o que acentua o já grande abalo em sua auto-estima decorrente do acontecimento neurológico.

As situações interativas vivenciadas no CCA, em que se dá o processo de atribuição de sentido a processos verbais e não verbais de sujeitos afásicos (que esta pesquisa estuda), constituem, portanto, um espaço fundamental de reconhecimento de que a linguagem se apresenta em funcionamento na afasia, possibilitando ao afásico a melhora de seu quadro clínico.



## Capítulo III

### *Dados-achados coletados em sessões (gravadas em vídeo) realizadas no CCA*

*Data: 12/05/99 – Como já mencionado, a sessão conta com a presença do pesquisador Dominique Maingueneau, em visita ao Centro de Convivência de Afásicos.*

Investigadoras: Imc, Iap

Sujeitos: GR, JB, EF, SI, SP

### **Dado-achado II: O tráfico de crianças pelo juiz de Jundiá**

Afásicos e não afásicos comentam as principais notícias da semana, e GR<sup>29</sup> começa a contar uma nova notícia para a investigadora:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
GR	[ki:ʔn:sə aj <sup>j</sup> ũjai].	TF – GR tenta falar algo sobre crianças em Jundiá.	
Imc	Criança em Jundiá?		
GR	Eh.		
EF	[ah, eh.		
Imc	Ah, isso eu não sei, que que é?		
EF	[ʒis].	TF – como a investigadora não conhecia a notícia que GR estava tentando contar, EF procura ajudar.	
Imc	Peraí, deixa eu pegar papel pro Seu EF.		

<sup>29</sup> GR é uma senhora de 64 anos, que reside em Jundiá e sofreu um AVC isquêmico em 1996. Apresenta uma afasia que afeta o sistema fonológico, acompanhada de uma grave apraxia buco-faríngeo-laríngea, com evolução, pois consegue monitorar-se em tentativas bem sucedidas de produção ártica. Passou a freqüentar o CCA em 1988.

EF	[ʒis].	TF – tentando dizer juiz.	
Imc	Peraí, peraí que a Iap pega pro senhor.		
EF	[ʒis].	TF	
Imc	Juiz?		
Imc	É isso? O juiz, vamo vê agora, que essa notícia eu não sei qual é. Vamo lá.		
Imc	O juiz...		
EF	[mãdo].	TF – EF disse mandou.	
Imc	Mandou...		
GR	As ki-an-ças.	Silabando.	
Imc	As crianças...		
EF	[le-táʎa].	TF – EF tenta dizer Itália.	
Imc	Não consegui compreender completamente.		
EF	[táʎa].	TF	
Imc	Itália? Itália.		
EF	[ oh, oh.		
Imc	Hum... um juiz que vendia, é isso?		
Imc	Um juiz vendia crianças para Itália.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/954

Neste *dado-achado*, como em outros, pode-se perceber a importância da interação: o conhecimento partilhado entre GR e EF (ambos sabiam que havia um juiz em Jundiá que vendia crianças - GR mora na cidade, e EF assistiu ao noticiário) tornou possível transmitirem a notícia para o grupo. A convivência sistemática dos sujeitos afásicos com não afásicos é crucial para a interpretação de gestos significativos (envolvendo o corpo, a face), de modos particulares de expressão, envolvendo aspectos prosódicos *etc.*

É possível observar que EF repete três vezes [ʒis] - querendo dizer juiz. Isso mostra que EF conhecia a notícia e não desiste de se fazer compreender, pois sabe que faz parte de uma comunidade discursiva que

irá respeitar suas tentativas, insistir para que não desista, e tentar o possível para compreendê-lo.

Assim, destaca COUDRY (1986/88) que o locutor constrói suas expressões na convicção de que seu interlocutor, partilhando as mesmas pressuposições, servindo-se do conhecimento mútuo e informações contextuais, será capaz de reconhecer sua intenção significativa não somente mediante uma “decodificação” direta do que foi dito, mas mediante inferências que estendem essa interpretação.

A tarefa interpretativa de produzir inferências, *tão prontamente*, depende em grande parte do conhecimento de mundo dos interlocutores em interação, do conhecimento partilhado entre eles, do processo de (re)conhecimento mútuo por que passam esses sujeitos e da tematização desses conhecimentos na interlocução. Depende, também, de uma *vontade de interagir*, de que o afásico não desista de se fazer entender e de entender o outro.

*Data: 11/08/99 – Sendo o primeiro encontro do semestre, a sessão começa com uma conversa sobre as novidades de cada um, sobre o que fizeram durante as férias.*

Investigadoras: Imc, Irn

Sujeitos: JB, EF, SM, SP

### ***Dado-achado III: O eclipse***

Ao conversarem sobre o dia 11/08/1999, previsto como o dia do fim do mundo, SP<sup>30</sup> comenta:

---

<sup>30</sup> SP tem 67 anos de idade, é de origem italiana e aos dois meses de idade mudou-se para o sul da França (região de imigrantes italianos). Vive no Brasil desde os 20 anos, tendo se casado com uma brasileira. Aos 36 anos sofreu um AVC que afetou a área do lobo temporal e núcleo da base parcialmente, o que o deixou severamente afásico e com hemiplegia à direita. Segundo SP todos em sua família falavam francês, tanto em casa como fora dela, na escola e em outras práticas sociais no país em que passaram a viver. De acordo com dados de entrevista anamnésica, SP tem o francês como língua materna, embora a mãe fosse italiana, e passou a falar português quando veio morar no Brasil. Está no CCA desde 1992.

Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais
SP	Ah... Que é o último lá, que a lua né...		Aponta os dedos para cima, abrindo e fechando a mão.
Imc	É, o eclipse.		
SP	Acabou.		
Imc	É o último eclipse do milênio, mas não significa que é o último eclipse do mundo, da vida.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 531773/95-4

Neste episódio interativo, o conhecimento de mundo compartilhado pelos sujeitos é fator importante para a compreensão rápida do que está sendo dito por SP: tanto Imc quanto SP sabiam que acontecera o último eclipse do milênio. Também a convivência propicia ao investigador compreender com maior facilidade os gestos, as pausas, os recursos utilizados por cada sujeito afásico na busca de se fazer compreender pelo outro. Neste caso, o gesto de apontar os dedos para cima, abrindo e fechando a mão, feito por SP, aliado a seu enunciado: "Ah... Que é o último lá, que a lua né...", torna possível que Imc compreenda que SP estava tentando falar do último eclipse do milênio, noticiado em jornais, revistas, telejornais.

*Data: 15/09/99 – Nesta sessão, os afásicos preparam um bolo salgado com a ajuda da investigadora, na cozinha do CCA.*

Investigadora: Imc

Sujeitos: EF, SP, IP

#### **Dado-achado IV: Roberto Carlos**

O aparelho de som está ligado, tocando Roberto Carlos, e a investigadora faz comentários sobre o corte de cabelo do cantor,

mostrando a capa do disco para SP, que aponta para o disco, tentando contar algo para a investigadora:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
SP	Oh, oh, ah, como é... //hesitação//.		
SP	O meu filho... //pausa//.		
Imc	Seu filho adora?		
SP	Não, ah, oh, [karu] do Roberto para.	TF – SP tenta dizer carro.	
Imc	Ah, o carro.		
SP	Vende, né?		Aponta para o disco.
SP	Eh, eh...		
SP	Carro, não é?		
Imc	Roberto Carlos foi na firma?		
SP	Não, ele...		
Imc	Seu filho... Não, vamô lá que eu quero entender.		
Imc	Seu filho trabalhava com carros?		
SP	Nã-nã-nã-nã-nã-no. Ele é advogado.		
Imc	Ele comprou um Ford?		
SP	Eh, eh...		
Imc	Ford. A fábrica da Ford.		
SP	Eh, não, não, nã-não.		
Imc	Não tô entendendo, seu EF.		
Imc	Vamo lá. Vamo lá seu EF.		
Imc	Seu EF não, seu SP.		
Imc	Eu quero entender essa...		
Imc	Seu filho era advogado da Ford?		
SP	Eh, eh...		Faz gestos, com a mão sobre o disco.
Imc	Ford. A fábrica da Ford.		
SP	Eh, não, não, na-não.		
Imc	Não tô entendendo, seu EF.		

Imc	Vamo lá. Vamo lá, seu EF.		
Imc	Seu EF não, seu SP.		
Imc	Eu quero entender essa...		Sentam-se para comer o bolo salgado.
SP	Não. Ele, eh, ele... ele...		
Imc	Ele quem, seu filho ou o Roberto Carlos?		
Imc	O Roberto Carlos?		
SP	É, ele tem uma... //pausa// que revende... //pausa//.		
Imc	Ah, uma revendedora de carro Ford. 'Tá.		
SP	Então lá, ele, ele...		
Imc	Encontrava, o seu filho encontrava ele?		
SP	Não, era cliente para...		
Imc	Cliente?		
Imc	Ele era cliente do seu filho?		
SP	Não.		
Imc	Olha, eu já entendi bastante coisa.		
Imc	O seu filho..., o Roberto Carlos tinha uma revendedora de carro, uma concessionária, e o seu filho, advogado...		
SP	Tem duas.		
Imc	Ele tem duas.		
SP	Eh... eh...		
Imc	Atuava como advogado? Comprou carro?		
SP	[não [não		
SP	Ele é...		
Imc	Porque a história começou por causa do Roberto Carlos.	A investigadora explica o assunto aos outros sujeitos.	
Imc	Então ele contou: meu filho..., o Roberto Carlos (nem sabia), tem concessionária, filho advogado...		
SP	Ele faz a...		
Imc	Transação?		
SP	Não, não, advogado.		

Imc	Seu filho advoga para essa firma?		
SP			Faz um gesto afirmativo com a cabeça.
Imc	É aí teve contato com o Roberto Carlos? E isso faz tempo? [...]		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

Pode-se observar neste diálogo entre SP e Imc a construção conjunta de um enunciado. Apontando o disco de Roberto Carlos para Imc, SP tenta contar algo sobre seu filho à investigadora. Como Imc não sabia do que se tratava, é aos poucos que a atribuição de sentido se dá. Mesmo com dificuldades, Imc não desiste de tentar entender SP ("Seu filho... Não, vamô lá que eu quero entender", "Eu quero entender essa."), que primeiro tenta dizer carro ([karu]) do Roberto, depois "Vende, né?", "Eh, eh...", "Carro, não é?" – apontando para o disco, o que faz com que Imc pergunte se seu filho trabalhava com carros. SP responde: "Nã-nã-nã-nã-nã-no. Ele é advogado". Imc mostra que não está conseguindo entendê-lo e incentiva-o para que tente transmitir mais informações. SP tenta dizer que Roberto Carlos tem uma revendedora de carros (É, ele tem uma... que revende...), o que é compreendido por Imc. Após uma série de perguntas, como: "Atuava como advogado? Comprou carro?", "Transação?", que vão sendo negadas por SP "Não, não", "Não, não, advogado", a investigadora pergunta se o filho de SP advoga para a firma de Roberto Carlos, ao que SP faz um gesto afirmativo com a cabeça.

É possível notar neste e em vários outros *dados-achados* apresentados nesta Dissertação a quantidade de respostas em que os sujeitos afásicos confirmam ou negam o que foi dito. No *dado-achado* IV, transcrito acima, SP consegue contar à Imc que seu filho trabalhava como advogado da concessionária de Roberto Carlos, por meio principalmente de confirmações ou negações às perguntas que vão sendo feitas por Imc. Tal fato direciona a conversação, contribuindo para que ocorra a atribuição

de sentido a processos de significação verbais e não verbais de sujeitos afásicos.

A interação com o outro é um fator crucial na construção do sentido do que é dito/interpretado pelos interlocutores, sendo essencial em tarefas interpretativas. Sendo assim, em situações de interação face a face, o locutor (afásico e não afásico) não é o único responsável pela produção do seu discurso: trata-se, como diz MARCUSCHI, de uma atividade de co-produção discursiva, visto que os interlocutores (afásico e não afásico) estão juntamente empenhados na produção do texto: eles não só colaboram um com o outro, como “co-negociam”, “co-argumentam”, de tal maneira que não teria sentido analisar separadamente as produções individuais.

Analisando o *dado-achado IV*, transcrito acima, é possível notar o processo de interação afásico-não afásico, que se dá na construção do sentido, passando por fatores verbais e não verbais (objetos – como o disco de Roberto Carlos, e gestos - SP aponta para o disco, querendo contar algo sobre seu filho). Quando o interlocutor não tem conhecimento do tema a ser introduzido pelo outro, e este se serve de recursos que nem sempre atuam na direção de seu “*intuito discursivo*”, (como ocorre no *dado-achado* acima, em que SP nem sempre consegue aproximar seu enunciado do assunto que realmente deseja comunicar), a dinâmica da atribuição de sentido é complexa para os sujeitos envolvidos, afásicos ou não.

#### ***Dado-achado V: A entrega do livro***

Após comerem o bolo, a investigadora conversa com os afásicos, pergunta sobre as notícias da semana, quando tem a atenção chamada por SP, que aponta um livro:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de</b>
-------------------------	--------------------	---	---



		<b>processos de significação verbais</b>	<b>processos de significação não verbais</b>
Imc	Quer olhar isso?		Imc faz a pergunta segurando um livro.
SP	Não.		Faz um gesto com a mão, apontando para a investigadora.
Imc	Ah, é da Dudu? Esse aqui é da Dudu também. Pra entregar pra Dudu.		
SP			Faz um sinal afirmativo com a cabeça.

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

Mais uma vez, as condições interativas em que se dá a convivência entre tais sujeitos e o conhecimento que partilham entre si possibilitam que a investigadora interprete imediatamente o “intuito” de significação expresso pelo gesto (processo não verbal) realizado por SP: o pedido de entrega do livro para a investigadora Iem, cujo apelido é Dudu.

Ao analisar este *dado-achado*, perguntei-me: como é possível uma interpretação tão rápida por parte da investigadora? Como esta compreendeu que o gesto feito por SP fazia menção à investigadora Iem? Ao perceber o interesse de SP pelo livro, Imc pergunte se ele quer olhá-lo, ao que SP responde com um gesto indicando a investigadora. Sabendo que o livro não era seu, Imc concluiu que o gesto feito por SP só poderia indicar que o livro era de Iem, a outra investigadora, para a qual ele queria entregá-lo.

Respostas a tais questões indicam que cabe ao interlocutor/outro, nesse caso, o investigador, estabelecer relações relevantes (considerando os elementos da fala e do contexto), o que torna possível a compreensão. É interessante que isso ocorra correntemente entre não afásicos que se conhecem e que partilham conhecimentos de si e de certos referentes comuns.

Ressalta ILARI (2001:108), que "todo locutor constrói sua fala a partir de uma avaliação da capacidade de interpretação do interlocutor, e da maneira como este reage às informações que são passadas pelo texto escrito ou falado. Em condições normais, ele tem o direito de supor que os mesmos objetos salientes na situação, os mesmos acontecimentos, e as mesmas informações estão presentes na atenção do interlocutor como na sua própria". A atenção de apresentar certos conteúdos como recuperáveis é, então, sempre uma questão de avaliação, que pode estar correta ou não. Uma comunicação eficaz depende, assim, de um bom entendimento recíproco dos interlocutores.

A análise dos *dados-achados* ressalta, portanto, que a possibilidade de se fazer compreender vivenciada pelo indivíduo afásico é essencial para se manter como sujeito falante<sup>31</sup>. O trabalho realizado pelo outro, a fim de compreender o que diz, é condição para que sujeitos falantes, afásicos ou não, produzam e interpretem sentidos.

*Data: 05/09/00 – Nesta sessão, investigadora e afásica conversam sobre as atividades que esta realizou durante a semana e sobre a viagem que fará à praia.*

Investigadora: Ilf

Sujeito: MG<sup>32</sup>

### ***Dado-achado VI: Inglês e português***

---

<sup>31</sup> A noção de sujeito é heterogênea, múltipla, tem-se vários aspectos a considerar: o social, o histórico, o lingüístico, o psicológico, o psicanalítico, o biológico *etc.* Todos esses aspectos estão mais ou menos presentes no indivíduo, apesar da especificidade de cada um. Neste estudo, trata-se do sujeito falante, usuário da língua, ou seja, um sujeito pragmático, que usa a língua nas mais diversas situações e com diferentes interlocutores e propósitos.

<sup>32</sup> MG é paulista, bilíngüe. Aos 52 anos teve um acidente vascular isquêmico (AVCi), em 31/12/1999; a Tomografia Computadorizada de crânio, de 23/06/2000, revelou seqüela de AVCi têmporo-parietal à esquerda, além de seqüela de AVCis no tálamo esquerdo e no lobo frontal e AVCi lacunar, na região subcortical da transição têmporo-parietal direita.

Em meio à sessão, a investigadora pergunta à MG sobre sua ida ao médico; nesse momento, é possível notar a seguinte atribuição de sentido a um trecho da fala de MG, por parte de Ilf:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as Condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
Ilf	Eh, vamos falar um pouquinho agora, quando foi que a senhora foi ao médico?		
MG	Ah, eu falei, ah, que [afukudei, afukudei, afuki, afuku cinco tʃu dei].	TF – MG tenta dizer que acha que faz cinco dias (utilizando a palavra <i>day</i> , em inglês).	
Ilf	Faz uns cinco dias?	Interpretação imediata de Ilf.	
MG	Mais.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

Pode-se perceber que MG entendeu e respondeu à pergunta da investigadora utilizando a palavra *day* ao invés de dia. E sua resposta foi automaticamente compreendida por Ilf. MG falava fluentemente inglês antes do acontecimento neurológico, trabalhava como agente de turismo e também depois de afásica utiliza várias palavras nesse idioma misturadas ao português, sempre com sentido apropriado. Ocorre que MG faz tal uso *sem se dar conta deste fato*<sup>33</sup>, como se nenhuma mudança houvesse ocorrido em sua linguagem.

*Data: 13/03/01 - Nesta sessão foram apresentadas duas novas integrantes ao grupo, tendo por objetivo sua integração à comunidade do CCA. Toda vez que um sujeito é integrado ao CCA, é apresentado e*

<sup>33</sup> Vale aqui lembrar que tal fato diferencia-se do fenômeno de *code-switching*, em que se dá o cruzamento de duas línguas em uma conversação - com a percepção do falante -, quando estão envolvidos falantes bilíngues ou em ambientes em que as duas línguas coexistem.

*também faz perguntas aos demais participantes, visando ao conhecimento mútuo que os sujeitos vão construindo uns dos outros. A apresentação é uma prática discursiva que faz parte de atividades significativas que sujeitos pragmáticos realizam com a linguagem e foi incorporada à dinâmica do CCA.*

Investigadores: Ijt, Imc, Ilf

Sujeitos: SP, EF, IP, SI

Sujeitos novos: NF e MG

### **Dado-achado VII: EF conversa com Ijt**

Antes do início da apresentação das novas integrantes (MG e NF), EF<sup>34</sup> tenta contar algo ao investigador Ijt:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as Condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
EF			Mostra o braço para Ijt, olhando para o relógio e mostrando um papel.
Ijt	Que foi?		
Ijt	Tem horas pra?		
Ijt	Vai fazer um exame.		
Ijt	Que horas?		
Ijt	O senhor vai ter que levar lá na Clínica?		
Ijt	O senhor vai ter que levar, o senhor tem dermatologia hoje?		
EF	Na-não.		
Ijt	O senhor tem que levar pra		

<sup>34</sup> EF é um senhor de 72 anos. Conforme consta de seu prontuário, EF era hipertenso e em dezembro de 1998 apresentou queda súbita, com perda de consciência, tendo sido encaminhado ao HC da UNICAMP. O diagnóstico inicial foi Afasia de Broca, predominantemente eferente. Observou-se hemiplegia à direita, com predomínio em membro superior direito e alteração de consciência, decorrentes de um AVC isquêmico embólico. Identificam-se também problemas práxicos envolvendo os níveis lingual, labial e sub-glótico, que o impedem de executar movimentos voluntários sob comando, num alto grau de apraxia buco-facial. Os problemas articulatórios (fonéticos) fazem com que EF produza até mesmo segmentos que não fazem parte do inventário fonológico do Português.

	fazer exame?		
EF	Eh.		
Ijt	‘Tá bom.		
Ijt	‘Tá.		
Ijt	Levar os exames médicos pra dermatologia.		
Ijt	Ah, vitiligo.		
Ijt	Pra ver como é que ‘tá, se ‘tá tudo bem.		
Ijt	‘Tá tomando remédio.		
EF	Hum, ‘tá.		Aponta algo no papel.
Ijt	Eu sei, não é, não é infeccioso.		
Ijt	Tem que fazer exame só pra ver se ‘tá tudo bem?		
EF	Na-na-não.		
Ijt	Plano de saúde?		
EF	Não.		
Ijt	De sangue, de fezes, de urina, pra quê, pra ver se ‘tá tudo...		
EF	Na-não.		
Ijt	Pra ver o nível de... Não?		
Ijt	Que que é?		
EF	[tratamentu].	TF - EF eleva o tom da voz e diz tratamento.	
Ijt	Tratamento, ‘tá.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolingüística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

Antes do início da sessão, EF mostra o braço para Ijt, olhando seu relógio e mostrando um papel (em que está um pedido de exame), para tentar “dizer” ao investigador que vai fazer exames de rotina. Ijt não sabia o porquê de tal exame, mas após várias tentativas (perguntas relativas aos gestos e respostas de EF: “O senhor vai ter que levar lá na Clínica?”, “O senhor tem que levar pra fazer exame?”, “Pra ver o nível de...”) aliadas ao conhecimento de que EF tem vitiligo, Ijt consegue que EF lhe dê uma resposta positiva. Assim, recursos verbais e não verbais *agem em conjunto* na atribuição de sentido ao *intuito discursivo* de EF.

Neste *dado-achado* também observa-se a grande quantidade de respostas em que EF afirma ou nega o que foi dito, direcionando a conversação e a atribuição de sentido por Ijt, como, por exemplo, quando este pergunta a EF se ele teria dermatologia naquele dia, e EF responde "Na-não", ou quando Ijt pergunta se EF tem que levar para fazer exame e ele responde "Eh." E ainda quando EF nega as perguntas de Ijt sobre o tipo de exame a ser realizado "Tem que fazer exame só pra ver se 'tá tudo bem?", "Plano de saúde?", "De sangue, de fezes, de urina, pra quê, pra ver se tá tudo...", conseguindo EF, após nova pergunta de Ijt - "Que que é?", fazer-se compreender ao "dizer" [tratamentu], entendendo Ijt que ele iria fazer exames relativos ao tratamento de vitiligo.

É no discurso que o ouvinte constrói algumas intenções que são tomadas como se fossem as intenções do falante. MARIA BEATRIZ BANDINI (1991), em sua Dissertação de Mestrado, mostra que é no interior desse jogo de apreensão de sentido que ocorrem os processos inferenciais: o ouvinte tem a tarefa de construir a inferência que melhor se adapte ao contexto conversacional.

A produção de uma inferência vai além da apreensão exclusiva do sentido de uma dada expressão. Ela depende não só de mecanismos lingüísticos, mas de outros fatores como condições de enunciação, relação entre interlocutores, formações imaginárias, etc., ou seja, não é possível excluir totalmente dos processos inferenciais as marcas individuais e sociais da linguagem.

BANDINI (1991) salienta que é pelo discurso que se procura captar as intenções significativas que os interlocutores fornecem; é através dele que são *construídas*, pelo ouvinte, algumas intenções que, embora não sendo aquelas que o falante quis veicular, são tomadas pelo ouvinte como se fossem as intenções do falante.

É, portanto, no interior desse jogo de apreensão de sentido que ocorrem os processos inferenciais, uma vez que tais processos pressupõem a *construção* da significação.

A autora conclui que o processo inferencial é basicamente a construção de sentido, a significação construída será sempre aquela que vem implicada por um dos interlocutores. E, como toda significação, a inferência se constrói com base na multiplicidade de fatores contextuais e intersubjetivos, que são partilhados e negociados para que se dê sua emergência. É, pois, a negociação que permeará todo o processo de construção de uma inferência.

Finalizando, a autora destaca que no processo inferencial o ouvinte tem a tarefa de construir a inferência que melhor se adapte (que faça mais sentido) ao tema discursivo. Ou seja, uma inferência que melhor se ajuste ao contexto conversacional.

Ao processarem informações referentes à enunciação, os indivíduos procuram, segundo a autora, retirar destas o máximo de relevância, extraindo de cada novo item da informação a maior quantidade de efeitos contextuais possíveis com o menor esforço de processamento possível. Assim explica-se porque um enunciado pode ser mais relevante para o ouvinte do que para o falante, como também a ocorrência de inferências não pretendidas pelos falantes: os indivíduos engajam-se no processamento de informações quando estas lhe soam relevantes.

A tarefa interpretativa de produzir inferências, tão prontamente, depende assim, em grande parte do conhecimento de mundo dos interlocutores em interação, de uma memória e conhecimento compartilhados entre eles (que fazem parte de uma mesma comunidade

discursiva)<sup>35</sup>, do processo de (re)conhecimento mútuo por que passam esses sujeitos e da tematização desses conhecimentos na interlocução.

### **Dado-achado VIII: Apresentação de Ijt às novas integrantes MG e NF**

Iniciando a sessão, a investigadora Imc pede aos sujeitos que comecem a se apresentar para as novas integrantes do grupo, e EF toma a dianteira:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
Imc	Quem quer começar?		
EF	Eu, eu.		Levantando-se.
Imc	Eu, eu, eu.	Risos.	
Imc	O senhor quer falar seu nome?		
EF	[frantsa].	TF - querendo dizer França.	
Imc	França.		
Imc	França.		
Imc	França.		
EF	[advogadu].	TF – querendo dizer advogado.	
Imc	Advogado.		
Imc	França.		
Imc	EF, advogado.		
EF			Caminha, segura o braço de Ijt e o puxa.
Imc	O senhor vai apresentar?		
EF	Ijt.		
EF	Ijt.		
EF	Ijt.		

<sup>35</sup> Como exemplo, pode-se citar a integração de um anão de jardim, o Dunga (anão mudo da história da Branca de Neve, ganho pela investigadora Imc), que passou a fazer parte do grupo, com a seguinte função: toda vez que alguém ultrapassa o limite (como falar um palavrão ou uma piada suja demais - há a presença de senhoras no ambiente), ou atravessar um momento difícil em que a afasia torna-se mais pronunciada, fala-se: "Passa o Dunga", visando mudar o rumo da conversa ou quebrar o momento difícil que o sujeito afásico está passando.



Imc	[Ijt.		
Imc	Ijt.		
Ijt	Eu sou Ijt.		
Ijt	Que que eu sou?		
EF	Eh, eh, [potsesor].	TF – querendo dizer professor.	
Ijt	Professor.		
Ijt	Ator.		
EF	[ ator.		
Imc	Ator.		
Imc	Ator.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolingüística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

Observando o *dado-achado* acima podemos constatar a importância do contexto interativo, em que ocorrem situações discursivas que possibilitam o exercício da linguagem, do qual o indivíduo afásico é um participante *ativo*. EF toma a iniciativa de se apresentar, e procura apresentar também Ijt, o que faz com sucesso; para isso fala o nome de Ijt e se utiliza também da gestualidade (EF puxa Ijt com o braço para mostrá-lo a todos dizendo ao mesmo tempo Ijt). Mesmo com poucos recursos lingüísticos, e servindo-se de recursos não verbais, a *inter-compreensão* se torna e se mostra possível com o auxílio de Imc e Ijt.

Destaca-se neste *dado-achado*, assim como em praticamente todos os *dados-achados* presentes nesta pesquisa, a motivação apresentada pelo sujeito afásico em se fazer compreender e compreender o outro. EF não desiste enquanto não consegue, mesmo com dificuldades, se apresentar e apresentar Ijt. Tal motivação vem da busca pelo sujeito afásico de se apresentar como sujeito falante, fato este que trará melhoras em sua auto-estima, em seu relacionamento com a família e amigos, em sua tentativa de uma recolocação profissional, enfim, de melhorar as repercussões sociais advindas do acontecimento neurológico, melhorando, portanto, diversos aspectos de sua vida.

Estudos recentes têm mostrado que tal como existe uma relação entre linguagem e gesto na normalidade (ou na saúde), esta relação não está afetada na afasia: é o caso da relação gesto/linguagem nas apraxias (patologias do gesto articulatório), como mostra a Dissertação de Mestrado de FEDOSSE (2000), e patologias do gesto que envolvem o corpo e sua relação com atividades práxicas, como mostra a Dissertação de Mestrado de MÁRMORA (2000)<sup>36</sup>.

MÁRMORA (2000:38) apresenta a idéia de que "do ponto de vista lingüístico, o gesto faz parte da atividade simbólica do homem. Sendo falante de uma língua natural, essa capacidade se torna coadjuvante em relação ao poder e papel da linguagem humana. Coadjuvante no sentido de que acompanha, preenche, pontua ou substitui a linguagem verbal, certamente ainda na busca de sentidos nos cenários de construção de significados e experiências sociais (RIBEIRO & GARCEZ, 1998).

Sendo assim, a noção de gesto, como forma de significação pode ser entendida a partir da noção de interação, condição para o estabelecimento de processos significativos humanos". A autora ressalta que em seu trabalho procurou-se discutir o fenômeno da apraxia em sujeitos cérebroleesados afásicos a partir de uma perspectiva teórica que assume a linguagem como um trabalho, uma atividade permeada pela inter-relação entre os sujeitos afásicos e não afásicos.

A principal questão levantada pelo estudo de MÁRMORA é mostrar que a co-ocorrência da apraxia com a afasia se faz presente justamente pelo fato de existir *linguagem envolvida* e não necessariamente por *problemas de movimento*, já que a solicitação para a realização de atividades é feita quase sempre verbalmente.

---

<sup>36</sup> Ver MÁRMORA, Cláudia Helena Cerqueira. Linguagem, afasia, (a)praxia: uma perspectiva neurolingüística e FEDOSSE, Elenir. Da relação linguagem e praxia: Estudo

A Dissertação de FEDOSSE (2000) tem como um dos pontos de discussão a relação da linguagem oral com a atividade gestual - tendo em vista a avaliação da praxia oral - segundo os pressupostos enunciativos e discursivos de linguagem que orientam uma abordagem Neurolingüística desenvolvida no IEL/UNICAMP. É adotada uma perspectiva teórica que inclui, na avaliação da linguagem oral, os múltiplos aspectos da significação, quais sejam, aspectos lingüísticos, sócio-culturais, contextuais, neurofisiológicos *etc*, por oposição a uma avaliação centrada em comandos verbais descontextualizados e desvinculados do uso social da linguagem. Trata-se, portanto, de uma outra forma de análise/interpretação das manifestações decorrentes de lesões cerebrais que afetam a produção da linguagem.

Do ponto de vista do estudo de FEDOSSE, a *atividade gestual* ou *gestualidade* é sempre vista como *atividade significativa*, visto que se trata de *ações dirigidas a metas*, portanto, aprendidas. Tal atividade é construída histórica e culturalmente, pois, na realização de um *gesto*, estão implicados, além dos fatores neurofisiológicos que caracterizam o movimento, uma série de fatores pragmáticos e culturais (por exemplo, o gesto de OK nos Estados Unidos é um gesto obsceno no Brasil).

**Dado-achado IX: Apresentação de SP para MG e NF**

A apresentação continua, e desta vez é SP quem conversa com as novas integrantes:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
Imc	Quem mais?		

SP	Eu.		
Imc	Eu.	Risos.	
SP	Eu, SP.		
SP	Oh, aposentadoria.		
MG	Ah, eu também.		
MG	Eu também.		
Imc	Aposentado, né?		
Imc	MG também.		
MG	Eu também. Todo mundo aposentou.		
Imc	Aposentado, né?		
Imc	Quem mais?		
Imc	Ah, e o nome.		
Imc	O seu nome.		
SP	SP.		
Imc	O seu nome.		
Imc	SP.		
Imc	O senhor falou?		
SP		Risos.	
EF	Cargo, cargo.		Apontando SP e mostrando para Imc.
Imc	Cargo?		
Imc	Ele falou, aposentado.		
EF	Na-na-não.		
Imc	Sua profissão antes de se aposentar.		
Imc	É isso que ele falou.		
Imc	Ele quis se apresentar assim.		
Imc	Mas, o senhor quer falar qual sua profissão antes de se aposentar?		
SP	Ah, isso aí, eh, da, chefe, ah.		
EF	Ah, ah.		Sinal afirmativo com a cabeça.
SP	Como é, [sea], se, /segmento ininteligível/, junto com a indústria /segmento ininteligível/.	TF	
Imc	Indústria química.		
SP	[química.		
EF	/ Segmento ininteligível/ [sefe].	TF – EF quer dizer chefe.	

Imc	Chefe.		
Imc	Chefe.		
SP	Segundo, segundo.		
Imc	Segundo chefe.		
Imc	Vice-chefe.		
MG	Vice-chefe.	Tom: confirmação.	
Imc	Vice-chefe, isso.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

Neste *dado-achado* o conhecimento de mundo partilhado entre os sujeitos tem um papel importante na compreensão da fala produzida por SP (MG compreendeu quando SP disse aposentadoria em lugar de aposentado). EF não se sentiu satisfeito com a resposta, pois queria saber qual a profissão de SP antes de se aposentar e, exercendo seu papel de locutor ativo, por meio de gestos e palavras (aponta SP e mostra para Imc, ao mesmo tempo em que diz: "Cargo, cargo".), questiona SP. Imc pergunta se SP quer falar sua profissão antes de se aposentar, ao que ele responde: "Ah, isso aí, eh, da, chefe, ah.", e EF, a seguir, diz "Ah, ah.", fazendo um sinal afirmativo com a cabeça. A iniciativa de EF possibilita que SP lhe dê uma resposta mais completa: EF repete [sefe] - querendo dizer chefe, Imc também repete chefe e SP diz "Segundo, segundo", ou seja, que sua profissão antes de se aposentar era de segundo chefe, sendo ajudado por Imc, que esclarece - "Vice-chefe".

Em se tratando do locutor (neste caso EF), podemos observar, como destaca BAKHTIN (1992), que este sempre leva em conta o grau de informação que o destinatário (no caso, SP) tem acerca de sua enunciação (como opiniões e convicções, conhecimentos especializados acerca da área em que se insere a comunicação), pois isso está condicionado à compreensão responsiva do ouvinte em relação à enunciação.

Assim, o interlocutor que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este

discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, etc., atitude que está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão, às vezes já nas primeiras palavras pronunciadas pelo locutor.

NOVAES-PINTO (1999) estuda a contribuição de conceitos bakhtinianos para o estudo discursivo de fenômenos afásicos. A autora indica que mesmo os sujeitos com grau leve ou moderado de afasia, freqüentemente reportam suas dificuldades para dizer *tudo* o que querem ou precisam. Os relatos dos próprios sujeitos são importantes para compreendermos a natureza do impacto que a afasia trouxe para sua atividade lingüística e para sua vida.

O que BAKHTIN chama de *querer-dizer* ou *intuito discursivo* determina o todo do enunciado. “*Percebemos o que o locutor quer dizer e é em comparação a esse intuito discursivo que mediremos o acabamento do enunciado*”. NOVAES-PINTO destaca que, no caso dos afásicos, pode-se dizer que muitas vezes dá-se aos seus enunciados um *acabamento*, na tentativa de ajudá-los a chegar o mais próximo possível de seu *querer-dizer*.

Acredita que seja interessante salientar o que BAKHTIN afirma a respeito de uma certa regularidade que permite que os parceiros em uma comunicação captem *com facilidade e prontidão* o intuito discursivo, o querer-dizer do locutor e, “*às primeiras palavras do discurso, percebem o todo de um enunciado em processo de desenvolvimento*”. Isso só pode ocorrer, segundo o autor, por haver “*formas estáveis do gênero do enunciado*”. Diz BAKHTIN:

*“Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros dos discursos orais ( e escritos ). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar*

*totalmente a sua existência teórica. (...) Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos. Esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática. A língua materna – a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical – não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam. Assimilamos as formas da língua somente nas formas assumidas pelo enunciado e juntamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente e sem que sua estreita correlação seja rompida. Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados ( porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras isoladas ). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais ( sintáticas )”.*

A autora ressalta que essa passagem nos faz perceber em BAKHTIN um equilíbrio entre o valor que têm as formas estruturantes da língua, inclusive suas organizações lexicais e sintáticas e o fato de que essas unidades e regras não foram aprendidas fora da experiência com a própria língua.

Entende que as afasias podem perturbar tanto as relações formais como as condições que intervêm na produção de enunciados efetivos, e em alguns gêneros do discurso mais que em outros. Por ora, afirma que o conceito de *querer-dizer* parece bastante interessante para a questão da avaliação do *grau de severidade das afasias*, que tradicionalmente só toma como parâmetros unidades de uma gramática normativa da língua, palavras e sentenças-alvo que são propostas pelos examinadores. Deve-se considerar a relação do sujeito com sua afasia e o impacto que ela tem em sua vida.

### **Dado-achado X: A cidade de EF**

A conversa entre os integrantes do grupo continua e Imc pede para que MG pergunte a EF onde ele nasceu:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
MG	Que cidade o [senho.] nasceu?	TF	
EF	Uauá.		
Imc	Uauá.		
Imc	Chama assim: Uauá.		
Imc	Só na Bahia tem uma cidade que chama assim.		
Imc	Uauá.		
Imc	É verdade.		
Imc	Uauá.		
Imc	Né, seu EF?		
MG	Mas, mas, [so, combre].	TF	
MG	Hum.		Fazendo um gesto de desaprovação com a cabeça.
Imc	Vai, vai, vai.		
MG	O senhor, ah, [compra ke].	TF	
Ilf	Ele mora aqui?		
MG	Eh.		Sinal afirmativo com a cabeça.
MG	Ah, mora aqui.		
MG	Ah, bom.		
MG	Faz tempo que o senhor [fe].	TF	
Ilf	[que o senhor...		
MG	Mora aqui?		
EF	Eh, eh, oh.		
Imc	[ faz tempo, seu EF.		
MG	Muitos [enus].	TF - MG quer dizer anos.	
Imc	Muitos anos, isso.		
EF			Levanta-se e mostra sua carteira para MG.
Imc	Ele vai mostrar aí o...		
MG	Ah...		
Imc	Ah, ele 'tá mostrando a...		
Imc	Que que ele 'tá mostrando MG, que que se acha que é isso?		



MG	As [parâtes].	TF - MG quer dizer parentes.	
Imc	Isso, a fa..., a família, os parentes, a família, né?		
EF	[mília		
Imc	A esposa e os filhos.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

O *dado-achado* acima possibilita perceber a importância do envolvimento entre os participantes afásicos e não afásicos na situação interativa, incentivando a comunicação entre os sujeitos e o processo de atribuição de sentido a seus processos de significação verbais e não verbais.

Imc incentiva MG a perguntar para EF onde este nasceu, ao que ele responde - "Uauá" -, uma cidade da Bahia (EF é Baiano). A seguir, MG tenta perguntar onde mora EF "Mas, mas, [so, combre]", e manifesta seu descontentamento por não conseguir se expressar verbalmente, balançando a cabeça num gesto de desaprovação e dizendo - "Hum". Mas Imc insiste para que MG continue - "Vai, vai, vai", e MG tenta novamente, dirigindo-se a EF - "O senhor, ah, [compra ke]". If pergunta se MG quer dizer que EF mora aqui (em São Paulo), ao que ela responde - "Eh" -, fazendo um sinal afirmativo com a cabeça. MG então tenta perguntar há quanto tempo EF mora em São Paulo - "Faz tempo que o senhor [fê]" -, e com a ajuda de If, que diz junto com MG - "que o senhor...", incentivando MG a perguntar - "Mora aqui?" -, e de Imc, que após a resposta não conclusiva de EF - "Eh, eh, oh" -, dirige-se a EF auxiliando-o - "faz tempo, seu EF", MG obtém então a resposta - "Muitos [enus]", ou seja, muitos anos.

A seguir, pode-se observar mais uma vez a utilização de recurso não verbal por parte de EF, que mostra a carteira com fotos para falar de sua família. Tal fato, aliado ao conhecimento de mundo dos demais sujeitos

(de que EF é casado e tem filhos), torna possível a compreensão de seu *intuito discursivo*: mora em São Paulo com a família - esposa e filhos.

### **Dado-achado XI: A história de MG**

Durante a conversa, SI<sup>37</sup> mostra interesse pela tala colocada no braço de MG:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbal</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
SI	Ah, eh, oh, acidente?		Aponta para MG.
SI	Eh?		
MG	Eh, eh, vou falar, meu braço ah...		Faz sinal descendo o dedo indicador da testa até o queixo e mostrando o braço esquerdo.
Imc	Ela teve, né...		Apontando a cabeça com a caneta.
Ilf	O que que a senhora teve, Dona MG?		
Ilf	Um de, de...	Ilf fornece o <i>prompting</i> para derrame.	
EF	[rame.		
MG	[derranđi, derranđi].	TF – MG tenta dizer derrame.	

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

Como se dá o processo de inter-compreensão neste *dado-achado*? SI pergunta a MG se acontecera algum acidente, devido a tala colocada em seu braço - "Ah, eh, oh, acidente?", e o recurso não verbal utilizado por MG, neste caso, a gestualidade (sinal da testa ao queixo, mostrando o braço, para indicar que sofrera um derrame), possibilita que a compreensão

<sup>37</sup> SI é uma senhora nissei de 61 anos. Segundo SI, sua língua materna é o japonês, falando sempre em português com o marido. Antes do AVC, SI relata que entendia o japonês e compreendia alguma coisa escrita, capacidade que foi afetada com a afasia. Sofreu um AVC hemorrágico em 1988, apresentando na avaliação neuropsicológica inicial discreta paresia à direita, afasia semântica e síndrome piramidal à esquerda. Passou a freqüentar o CCA em 1990.

possa se dar entre MG e os demais sujeitos presentes, afásicos e não afásicos. A participação da investigadora Imc, que incentiva MG a falar - "Ela teve, né..." (apontando a cabeça com a caneta), e de Ilf - "O que que a senhora teve, Dona MG?", "Um de, de..." - fornecendo o *prompting* para a palavra derrame, também ajuda para que ocorra a atribuição de sentido à linguagem de MG: EF diz junto com Ilf - "rame", e MG também tenta dizer o mesmo: "[derran̄di, derran̄di]".

*Data: 19/03/01 – A sessão conta com a presença da pesquisadora suíça Ilm<sup>38</sup>, em visita ao CCA.*

Investigadoras: Iap, Iip, Imc, Iss (a nova fonoaudióloga do grupo, que veio se apresentar a todos).

Sujeitos: AL, AC, IC, RN, CF

### **Dado-achado XII: Conversa com CF**

Durante a apresentação de Ilm e Iss, CF<sup>39</sup> mostra a Imc interesse em fazer algumas perguntas:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
CF			Olha para Imc e aponta para Iss.
Imc	Pergunta quem é ela.		

<sup>38</sup> Lorenza Mondada, pesquisadora da Universidade da Basileia/Suíça – presente no IEL para participar do II Seminário de Neurolinguística, em março de 2001, tem por objetos de análise as atividades interacionais em contextos sociais diversos, como por exemplo a interação verbal face à face e as interações mediadas pelas novas tecnologias.

<sup>39</sup> CF, natural de Bandeirantes (PR), tem 43 anos e sofreu cirurgia após ruptura de aneurisma, em 11/10/85, aos 29 anos. CF apresenta uma apraxia buco-facial: precisa do *prompting oral* para dar início a sua produção verbal. Produz automatismos - frases cristalizadas, como "Eu preciso falar", "Oh Senhor Jesus", além de cantar trechos de músicas que conhecia antes do acidente neurológico, como "Carinhoso", de Pixinguinha, ou "Parabéns a você", o que indica, do ponto de vista de FREITAS (1997), que não há problemas no nível fonético articulatório da linguagem, mas sim alterações linguísticas de ordem fonológica. CF apresenta ainda, como pode ser observado nos dados-achados, a estereotipia "essau", com a qual substitui grande parte das palavras, buscando dar sentido ao termo por meio da entonação (afirmativa, negativa, de dúvida, interrogativa *etc.*), que se mantém preservada. Houve tratamento normativo, com cartilha, anteriormente a sua entrada no CCA (em março de 1991). Atualmente CF apresenta melhoras, e já consegue ler e escrever e-mails e textos de seu interesse no computador, com a ajuda de um interlocutor.

CF	Eh, eh, [uã, iu aree].	TF	
Iss	Meu nome?		
CF	Não.		
Imc	Ela fala português, ela é brasileira.		
CF	Não, essau.	CF está tentando dizer outra coisa.	
Imc	Que que é esse “uau trog, trog, trog?”	Procurando reproduzir a fala de CF.	
CF	Não, eh, [uãtus], é, essau, eh, ah.	TF – CF está tentando perguntar outra coisa.	
Imc	Ela fala...		
Ilm	Eu falo Francês.		
CF	Eh, essau, essau, essau.	Tom de afirmação.	Bate a mão no peito, querendo dizer eu.
Imc	‘Cê ouviu, ‘cê ouviu ela falar?		
Imc	‘Cê quer?		
CF	Não.		
Imc	‘Cê sabe?		
CF	Não, não.		
Imc	Então fala, você faz...		
CF	Oh, escola, escola, escola, escola.		Faz gesto com a mão indicando escrita.
Imc	Você aprendeu Francês na escola.		Bate a mão no peito querendo dizer eu.
CF	[deu Francês na escola.	Tom: afirmação.	
CF	Essau, essau, é, essau, essau, essau.		
Ilm	Vouz parlez Français?		
Imc	Escuta o que ela ‘ tá falando.	Dirigindo-se à CF.	
Ilm	Vouz parlez Français? Un petit?		
CF	Oh, não, não, não.		
CF	Essau, essau, olha.	Tom: afirmação.	
Imc	‘Cê esqueceu?		
CF	Não, olha.		
Imc	Muito tempo?		
CF	Uh, Senhor.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

Neste *dado-achado*, podemos observar que quando Ilm diz que falava Francês, CF tenta dizer algo. Diante da dificuldade demonstrada por CF em manifestar suas respostas verbalmente, percebe-se a importância do envolvimento dos participantes na situação interativa, em que a intervenção da investigadora Imc, utilizando-se de seu conhecimento de mundo e da produção de *inferências* (como por exemplo: “Você aprendeu Francês na escola”, “Muito tempo?”) contribui para que CF expressasse sua intenção discursiva: contar que aprendera Francês na escola há muitos anos.

Quando o assunto que o locutor tenta relatar não está sendo compreendido pelo interlocutor, podem-se construir inferências que se distanciam do *intuito discursivo* do falante, por vezes atrapalhando o processo de atribuição de sentido (como quando Imc faz as perguntas “‘Cê ouviu, ‘cê ouviu ela falar?”, “‘Cê quer?”, “‘Cê sabe?”, que se distanciam do *intuito discursivo* de CF), o que acontece também em situações interativas envolvendo sujeitos não afásicos.

No *dado-achado* acima, portanto, é possível notar o processo de interação de afásicos com não afásicos, e vice-versa, na construção do sentido que passa por fatores verbais (subentendidos, inferências que podem às vezes complicar a tarefa interpretativa e a atribuição do sentido) e não verbais (objetos e gestos que participam da construção do sentido).

CF utiliza-se da gestualidade (como bater a mão no peito querendo dizer eu, fazer gesto com a mão indicando escrita, enquanto diz: "Oh, escola, escola, escola, escola", o que faz com que Imc entenda que ela aprendeu Francês na escola) buscando se fazer entender pelo outro, e também da entonação, como podemos observar, principalmente nas seqüências que contém o termo *essau*, estereotípia à qual CF recorre quando em dificuldade para “se fazer entender”, marcando a curva entonacional de forma diferenciada, de acordo com o tom em questão.

Segundo FEDOSSE (2000), a característica mais marcante da linguagem de CF se refere à dificuldade com a iniciativa verbal (oral e escrita). Suas tentativas de iniciar a expressão oral geralmente resultam na produção da estereotípia "*essau*", e de acordo com seu *intuito discursivo*, essa produção fonoarticulatória pode variar em entonação, intensidade, extensão, velocidade e ritmo. Os aspectos *entonacionais* da linguagem de CF se encontram preservados, atuando como importantes elementos estruturadores de sentido, ao lado de outros como os *automatismos lingüísticos* já mencionados em nota, que ocorrem nos contextos em que CF comenta suas dificuldades enunciativas e/ou quando se refere à lesão cerebral.

Neste *dado-achado* e nos demais em que CF participa, é possível observar também que CF precisa do outro, das palavras do outro, para se expressar verbalmente. Como salienta FEDOSSE (op. cit.), é por isso que CF adere tanto aos enunciados de seu interlocutor, falando junto com ele, sobretudo os segmentos finais de palavras. Tal fato mostra-se como um processo alternativo de que se utiliza para demarcar sua subjetividade, buscando constantemente se introduzir e se manter como falante, procurando lidar com as dificuldades de sua condição de sujeito afásico.

Quanto à entonação, BAKHTIN destaca que a entonação expressiva, entendida distintamente na fala, é um dos recursos para expressar a relação emotivo-valorativa do locutor com o objeto do seu discurso. De acordo com BAKHTIN (1992), a entonação expressiva não pertence à palavra, mas ao enunciado: utilizado em sentido afirmativo, interrogativo, negativo, o que dá valor ao termo é sua entonação com relação ao enunciado em que é proferido. Observando o uso do termo *essau* por CF neste dado, percebemos que a significação da palavra se refere à realidade efetiva nas condições reais da comunicação verbal. É ao enunciado, portanto, que pertence a entonação expressiva, e não à palavra. Como indica o autor

(1992: 311): “A emoção, o juízo de valor, a expressão são coisas alheias à palavra dentro da língua, e só nascem graças ao processo de sua utilização ativa no enunciado”.

Assim, considerando que a significação da palavra se refere à realidade efetiva nas condições reais da comunicação verbal, a entonação expressiva não pertence à palavra, mas ao enunciado: ao escolher a palavra, partimos das intenções que presidem ao todo do nosso enunciado, e esse todo intencional, construído por nós, é sempre expressivo.

A significação neutra de uma palavra, segundo BAKHTIN, relacionada com uma realidade efetiva, nas condições reais de uma comunicação verbal, sempre provoca o lampejo da expressividade. É precisamente isso que se dá no processo de criação de um enunciado. Bakhtin ressalta que somente o contato entre a significação lingüística e a realidade concreta, apenas o contato entre a língua e a realidade – que se dá no enunciado – é capaz de provocar o lampejo da expressividade.

***Dado-achado XIII: Mudança de horário***

Na mesma sessão, a conversa agora gira em torno das consultas a serem marcadas com a fonoaudióloga, e Imc pergunta a CF:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
Imc	Quer deixar pra outra segunda?		
Imc	Pode ser?		
Imc	Sim CF, você pode, porque você fica aí o dia todo.		
CF	Ah, não, ah, eh.		
Imc	A perua.		
CF	A perua, essau.		

Imc	Você não sabe a hora?		
Imc	Mas é aqui o atendimento, a perua não passa aqui?		
CF	Eh, essau, eh, oh.		Mostra o relógio para Imc.
Imc	Que horas que a perua passa?		
CF	Essau.		
Imc	São dez agora.		
CF	Eh, essau, carro, essau.		Faz sinal com a mão imitando uma direção de automóvel.
Imc	Que horas?		
Imc	Mas que horas a perua passa em geral?		
Imc	Às duas, às três?		
CF	Ah, essau, oh.		Mostra o relógio.
Imc	Depois talvez a gente tenha que entrar em contato com a perua pra ela respeitar o horário dela com você.	Falando com Iss.	
CF	Essau.		
Imc	‘Cê tem que marcar o dela primeiro, primeiro horário que você atende à tarde.	Falando com Iss.	
CF	[ essau.		
CF	[é, oh, essau, esséu.		
Imc	E a gente avisa, escreve uma carta, avisa a perua, ambulância, né?		
CF	É, essau.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolingüística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

No *dado-achado* acima, os recursos não verbais (gestos de mostrar o relógio para Imc, imitar a direção de um automóvel) utilizados por CF, ao lado do constante envolvimento do grupo, como a participação da investigadora (“A perua”, “E a gente avisa, escreve uma carta, avisa a perua, ambulância, né?”), buscando apreender o *intuito discursivo* de CF, é que possibilitam o entendimento.



A investigadora Imc consegue compreender que CF precisaria ser atendida mais cedo (em função do horário da perua que vai buscá-la), por meio de um raciocínio que vai além do que é expresso por palavras, ou seja, por meio da atribuição de significado ao não-dito pelos gestos de CF.

Ao mostrar o relógio, CF quer dizer que tem horário marcado para ir embora; ao imitar uma direção de automóvel, quer dizer que precisa ir com a perua. Partindo do reconhecimento dos não-ditos presentes nestes gestos, considerando o conhecimento partilhado por CF e Imc de que CF vai de perua ao CCA e tem horário marcado para ir e voltar, Imc consegue combinar com CF que a perua será avisada sobre o novo horário de saída.

#### ***Dado-achado XIV: A dificuldade de RN***

Agora é RN quem é questionada acerca do horário a ser marcado com a fonoaudióloga:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
Iss	Você não pode ficar à tarde?		
RN			Gesto negativo com a cabeça.
Imc	Você pode vir no outro dia, pra você é melhor?		
Imc	Na sexta?		
Imc	Sexta.		
RN	Não.		
Imc	Não?		
Imc	Você não tem com quem deixar a NN?		
RN	Eh, eh.		
Imc	Ela 'tá com quem agora?		
RN			Faz sinal com o dedo, apontando para o lado de IC.

Imc	Com a filha?		
Imc	Não. Por que 'cê fez...		Imita o sinal feito por RN.
RN		Risos.	
Imc	Com quem ela 'tá?		
RN	Hum...		
Imc	'Tá em casa?		
RN	Não.		
Imc	'Tá aqui?		
RN	Não.		
CF	Oh, Senhor.		
Iss	'Tá numa creche?		
RN	Não.		
Imc	'Tá com uma vizinha?		
CF	[zinha, eh, essau.		
RN	Eh.		
Imc	'Tá numa vizinha.		
Imc	É isso, Dona IC, eh?		
IC	Eh.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

Neste caso, a tentativa gestual de comunicação por parte de RN (apontando IC) não obteve resultado, mas o conhecimento de mundo compartilhado entre sujeito e investigadora, com a constante intervenção de Imc - interlocutora ativa - buscando apreender o *intuito discursivo* de RN, acabam por levar à atribuição de sentido ao enunciado que RN não conseguia expressar (ela não poderia marcar um horário porque não tinha com quem deixar a filha).

Destaca-se também a importância do conhecimento de mundo partilhado entre Imc e RN: Imc sabia que RN tinha uma filha e que para RN marcar um horário com a fonoaudióloga, seria preciso que alguém cuidasse de NN. Mais à frente, diante da dificuldade de RN em dizer com quem sua filha estava naquele momento, a investigadora utiliza-se de perguntas, orientadas pelo conhecimento de mundo e da situação, em

particular, de RN: "Tá em casa?", "Tá aqui?", "Tá numa creche?", "Tá com uma vizinha?", buscando que RN se manifestasse verbalmente. Como RN apresenta dificuldades para se expressar, novamente as respostas negativas e afirmativas orientam a atribuição de sentido: RN responde "Não" às três primeiras perguntas e "Eh" para a última, confirmando que NN estava com uma vizinha.

Em relação ao papel ativo do interlocutor, BAKHTIN reconhece graus na atividade de compreensão do interlocutor frente à enunciação do outro, ou seja, sua atitude *responsiva ativa*, lembrando que o próprio locutor espera essa atividade compreensiva: “o que ele espera não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, *etc*”.<sup>40</sup>

Quando o ouvinte se serve de recursos que nem sempre atuam na direção de seu “intuito discursivo”, (como ocorre neste *dado-achado*, em que RN faz um gesto que não é compreendido, e tem dificuldade de se expressar verbalmente), a dinâmica da atribuição de sentido é mais complexa para os sujeitos envolvidos, afásicos ou não.

Pode-se perceber que cabe ao interlocutor/outro - nesse caso o investigador - estabelecer relações relevantes (considerando os elementos da fala e do contexto), o que torna possível a compreensão.

***Dado-achado XV: CF fala sobre o grupo***

A conversa continua e dessa vez CF quer contar um pouco sobre o grupo para a pesquisadora Ilm:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos</b>

<sup>40</sup> BAKHTIN, M. - Estética da Criação Verbal. São Paulo, Martins Fontes, 1992, pág. 290.

		significação verbais	significação não verbais
CF	Oh, ah, [be-e], essau.	TF	Faz gesto apontando para todos.
Imc	‘Cê ‘tá falando de nós aqui?		
CF	Eh, eh, essau, essau.		Faz gesto apontando para todos.
Ilm	O grupo.		
CF	[gropu].	TF	
Imc	Que tem, que tem, como é que ‘cê falou, fez assim?		Faz gesto de colocar o dedo em frente à boca.
CF	Eh, ah.		Mostra a cabeça.
Imc	Então vamos explicar pra ela que que é.		
CF	Ah, eh.		
Imc	Na cabeça, no cérebro.		
CF	Eh, eh.		
Imc	Tiveram problema no cérebro.		
CF	[cérebro, eh.		
Ilm	Então...		Mostrando a língua com o dedo.
CF	Fala.		
Imc	Afetou a linguagem.		
CF	[guagem, oh Senhor.		
Imc	E aqui a gente fala.		
CF	Fala.		
Imc	A gente mexe com o corpo.		
Imc	Que mais?		
Ilm	Com gestos...		
CF	[gestos, eh.		
Ilm	Com...		Aponta para seus olhos.
Imc	Com os olhos.		
CF	[olhos, eh, essau.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

Com a participação de Imc, de Ilm e da gestualidade, CF, mesmo quase sem palavras, consegue se fazer entender por todos, e contar a história comum a todos os afásicos presentes no grupo (faz gesto apontando para todos, mostra a cabeça): CF, com o incentivo de Imc, “fala” sobre o acidente cerebral que afetou a linguagem de todos os

afásicos do grupo, e também, com a ajuda de Ilm (que mostra a língua com os dedos, aponta para seus olhos), “fala” sobre as atividades desenvolvidas no CCA, onde todos os afásicos podem exercer a linguagem, lidar e (re)conhecer seus corpos, utilizar-se de gestos e olhares para se expressarem, *etc.*

*Data: 07/05/01 – Nesta sessão, investigadoras e afásicos discutem alguns assuntos da semana, como a passagem de um tornado pela região, a violação do painel na votação do Senado e outros temas do cotidiano partilhados por cidadãos brasileiros.*

Investigadoras: Iem, Iic

Sujeitos: AC, IC<sup>41</sup>, IP, AL

#### **Dado-achado XVI: O tornado**

Enquanto afásicos e investigadoras comentam a passagem do tornado pelas cidades vizinhas, ocorrida durante a semana, Iem pede que IC conte a IP o que ficara sabendo:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
Iem	A gente vai contar pra senhora.	Iem dirige-se a IP.	
Iem	Oh, ela é de São Paulo, ficou sabendo mas não sabe detalhes.		
Iem	Vamos contar pra Dona IP.		
IC	Ah, ah, [oi, euaire].	TF - IC quer dizer que foi em Sumaré.	
Iem	Sumaré. Foi o quê, um tornado, né?		
IC	[eh [eh		
Iem	E o que é um tornado?		

<sup>41</sup> IC é uma senhora de 57 anos, natural de Araçatuba e residente em Cosmópolis. Apresenta seqüela de AVCh. Em relação a seu estado lingüístico/cognitivo, há dificuldades de expressão verbal de natureza práxica, com prosódia preservada e sem dificuldades com a escrita.

Iem	O que é um tornado?		
AC	Tornado é: chu-u-va, vento...		Faz sinais com a mão no ar, para cima e para baixo.
Iem	Chuva, vento, mas tudo muito forte.		
Iem	Olha, a senhora ‘tava falando, né.	Dirigindo-se à IC.	
Iem	Então, Dona IP, foi um tornado que varreu, atingiu a cidade de Campinas e região.		
Iem	Então atingiu, vamos falar pra ela.		
Iem	Isso tudo foi sexta-feira.		
Iem	Que dia foi sexta, dia do mês?		
Iem	Sexta-feira, dia?		
IC	Eh, [ka...].	TF – IC tenta dizer quatro, procurando o dia na agenda.	
Iem	Quatro, né?		
IC	Eh, [kuatu].	TF – IC tenta dizer novamente quatro.	
Iem	Dia quatro de maio, sexta agora.		
Iem	A senhora falou outra cidade aí, Su...	A investigadora dá o <i>prompting</i> para Sumaré.	
IC	Su-ma-ré.	Silabando.	
Iem	Em Cosmópolis, não aconteceu nada?		
IC	[não [não		
Iem	Nada?		
IC	Não.		
IP	Ah, ah, au, aqui, oh.		Faz gesto de vai e vem com a mão no alto da cabeça.
Iem	As casas?		
IP	Não. [a lãmpida. a lãmpa].	TF – IP quer dizer lâmpada.	
Iic	Lâmpada.		
IP	[eh, eh		
Iic	A energia não caiu.		
Iem	A energia não caiu?		
IP	NÃO!	Intensidade vocal	

		aumentada.	
IP	Caiu.		
Iem	Ah, ‘tá, caiu a energia.		
IP	Eh, eh.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

No *dado-achado* XVI, podemos observar novamente a relação entre linguagem e gestualidade na afasia, em que os gestos participam da tentativa de explicação verbal por parte do sujeito afásico (como por exemplo, AC representando o vento e a chuva, IP tentando representar a luz elétrica). Há também a presença de objetos, como agenda, jornal do dia, revistas da semana, mapa, entre outros, portadores de informações relevantes (como se dá com IC ao procurar em sua agenda o dia em que ocorreria o tornado) para se compreender a cena enunciativa.

Recursos não verbais, aliados à constante intervenção da investigadora Iem, possibilitaram que IC e IP contassem o que sabiam sobre a passagem do tornado na região. IC conta que um tornado passou em Sumaré na sexta-feira dia 4 (recorrendo à agenda), sendo que em Cosmópolis nada ocorreu. Já IP, com o auxílio de gestos (faz gesto de vai e vem com a mão no alto da cabeça) e entonação, conta que a energia elétrica caiu em Campinas.

Veja-se a importância da entonação na produção/interpretação de enunciados. Quando IP diz “Não!” em resposta a Iem, o tom enfático demonstra sua negativa em relação ao sentido afirmativo da pergunta realizada anteriormente - “A energia não caiu?”. IP, ao dizer “NÃO!”, “Caiu”, dá significação à palavra “Não”: neste caso, IP quer dizer SIM, a energia caiu. Elevando o tom de voz para destacar que o fato fora contrário ao que estava sendo suposto pelas investigadoras, refere-se à realidade efetiva nas condições reais da comunicação verbal. É ao enunciado, portanto, que pertence a entonação expressiva, e não à palavra. Como ressalta BAKHTIN (1992:311): “A emoção, o juízo de valor, a expressão

são coisas alheias à palavra dentro da língua, e só nascem graças ao processo de sua utilização ativa no enunciado”.

É possível observar, neste e nos demais dados, o envolvimento das investigadoras com a cena enunciativa, condição para que os sujeitos participem, procurem falar, troquem informações entre si acerca de conhecimentos partilhados durante a semana ou mesmo procurando que os sujeitos tentem esclarecer tais acontecimentos àqueles que dele não estavam inteirados. Isto é sempre essencial para que esse movimento tão produtivo e importante de atribuição de sentido a tais processos de significação se dê, seja de maneira rápida ou um pouco mais demorada, ao longo dos episódios interativos desenvolvidos por sujeitos afásicos e não afásicos durante as situações discursivas vivenciadas no CCA.

*Data: 11/06/01: Nesta sessão, o grupo marca um almoço de fim de semestre em que fará lasanha, já combinando os detalhes.*

Investigadoras: Iem, Imc, Iic

Sujeitos: AC, IC, AC

#### ***Dado-achado XVII: A receita***

Iem pergunta a IC qual sua sugestão de lasanha:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
Iem	E aí, qual é a sugestão, Dona IC?		
IC	Eh, ah, lá.		
Iem	La...	A investigadora fornece o <i>prompting</i> para lasanha.	
IC	Lasanha.		
IC	Oh, [ki], oh.	TF – pede para Iic pegar a embalagem	IC trouxe a embalagem de massa



		da massa de lasanha que trouxera.	de lasanha para mostrar ao grupo.
Iem	E qual foi a sugestão da Ifs, hein Dona AC?		
IC	[Eh.		
Iem	A sugestão da Ifs que não come carne.		
IC	Eh.		
Iem	A sugestão é que a gente fizesse vários...		
IC	[prati...]	TF	
Iem	Vários...		
IC	Vários...		
Iem	Vários, várias re...	A investigadora fornece o <i>prompting</i> para receitas.	
IC	[ceita].	TF	
Iem	Por exemplo, uma sem...?		
Iem	Carne.		
Iem	Uma sem carne, né?		
IC	Eh, eh.		
Imc	Ela não come nem presunto.		
Iem	Não.		
Iem	Essa de carne, essa sem carne, enfim, sem nenhum tipo de carne, poderia ser uma lasanha de que então?		
IC	Ah, ah...		
Iic	Quer papel, Dona IC?	Dirigindo-se à IC.	
Iem	Né, uma lasanha pra quem não come carne seria uma lasanha de quê?		
IC	Ah, ah, [ko...].	TF - IC escreve em um papel.	
IC	[seicho].	TF - IC quer dizer queijo.	
Iem	Queijo.		
Iic	Queijo.		
Imc	Queijo, molho de tomate...		
Iem	Queijo, 'tá.		
Iem	Então vou colocar aqui, lasanha.		
IC	Eh, eh.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolingüística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

Em sua tentativa de colaborar com o almoço, IC traz recursos verbais e não verbais (como a embalagem de massa de lasanha), conseguindo, com a ajuda das investigadoras, participar da elaboração das receitas. O incentivo constante de Iem à participação de IC é fundamental para que esta consiga expressar-se, mesmo com algumas dificuldades: IC, partindo às vezes do *prompting* fornecido por Iem (como em “La...”, proferindo a seguir "Lasanha" ou em “Vários, várias re...”, proferindo a seguir "[ceita]"), sugere uma massa a ser utilizada (lasanha), e uma lasanha de queijo ("Ah, ah, [ko...].", "[seicho].", utilizando-se também da escrita) para os que não comem carne, após a pergunta da investigadora: "Né, uma lasanha para quem não come carne seria uma lasanha de quê?".

BAKHTIN (op.cit.) mostra que as palavras da língua não são de ninguém, porém, ao mesmo tempo, só são ouvidas em forma de enunciados individuais, só são lidas em obras individuais, e apresentam uma expressividade que deixou de ser apenas típica e tornou-se também individualizada (segundo o gênero a que pertence), em função do contexto individual, irreproduzível do enunciado.

É por isso que a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. Os enunciados estão repletos de palavras *dos outros*, que introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que é assimilado, reestruturado, modificado.

A expressividade de um enunciado, prossegue BAKHTIN, é sempre, em menor ou maior grau, uma *resposta*. Em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados do outro (neste caso, a expressividade do enunciado manifesta também a relação de IC com os enunciados de Iem).

O locutor sempre leva em conta o fundo assertivo sobre o qual sua fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e suas convicções, seus preconceitos (do ponto de vista do locutor), suas simpatias e antipatias, *etc*; pois é isso, ressalta o autor, que condicionará sua compreensão responsiva do enunciado.

Por meio da análise de *dados-achados*, pode-se constatar que a convivência sistemática dos sujeitos afásicos com não afásicos é crucial para a interpretação de gestos significativos (envolvendo o corpo, a face), de modos particulares de expressão, envolvendo aspectos prosódicos. A convivência também propicia ao investigador compreender com maior facilidade os gestos, as pausas, os recursos utilizados por cada sujeito afásico na busca de se fazer compreender pelo outro (como se dá nos *dados-achados* XI: A história de MG, XII: Conversa com CF e XIII: Mudança de horário, por exemplo).

Os estudos permitem observar que a constante mediação do investigador, que se interessa pelos temas propostos pelos sujeitos, fazendo perguntas, comentários, inferências, associações, mostra-se de extrema importância para que o afásico se expresse.

Assim, as atividades desenvolvidas no CCA indicam, por meio de uma dinâmica particular, o modo como o sujeito afásico lida com suas próprias dificuldades e como reage frente à dificuldade dos outros sujeitos, além de expor alternativas e soluções das quais se serve nas interlocuções de que participa.

A análise dos *dados-achados* mostra também a importância da presença de interlocutores ativos, que recebem e compreendem a significação (lingüística) de um enunciado, adotando simultaneamente,

para com este discurso uma atitude *responsiva ativa* (BAKHTIN:1992), durante as práticas discursivas desenvolvidas no CCA (como ocorre nos *dados-achados* IX: Apresentação de SP para MG e NF e XIV: A dificuldade de RN, por exemplo).

O interlocutor ativo concorda ou discorda (total ou parcialmente) do enunciado proferido pelo locutor, completa, reformula, adapta *etc.*, manifestando uma atitude frente ao enunciado que reelabora durante todo o processo de audição e compreensão.

A entonação, um dos processos de significação utilizados por afásicos e não afásicos - e que se relaciona com outros processos verbais (fonológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos) – tem um papel importante para a expressão da linguagem na afasia (cf. *dados-achados* XII e XVI).

No interior desse jogo de apreensão de sentido, que se dá nos contextos interativos vivenciados no CCA, ocorrem processos inferenciais, uma vez que tais processos são um pressuposto fundamental de *construção* da significação.

Em *dados-achados* como VII: EF conversa com Ijt e XII: Conversa com CF, observa-se que a inferência se constrói com base na multiplicidade de fatores contextuais e intersubjetivos, que são partilhados e negociados por afásicos e não afásicos, visto que é a negociação que permeia todo o processo de construção de uma inferência.

Considerando que os indivíduos se engajam no processamento de informações quando estas lhe soam relevantes, como ressalta MARIA B. G. BANDINI (1991), percebe-se que nem sempre o ouvinte constrói uma inferência que faça mais sentido em relação ao contexto conversacional.

Por isso ocorrem inferências não pretendidas pelos falantes, que não auxiliam o processo de compreensão de seu *intuito discursivo*.

NOVAES-PINTO (1999) indica que, no caso dos afásicos, pode-se dizer que muitas vezes dá-se aos seus enunciados um *acabamento*, na tentativa de ajudá-los a chegar o mais próximo possível de seu *querer-dizer*.

Afirma que o conceito de *querer-dizer* parece bastante interessante para a questão da avaliação do *grau de severidade das afasias*, que tradicionalmente só toma como parâmetros unidades de uma gramática normativa da língua, palavras e sentenças-alvo que são propostas pelos examinadores.

No *dado-achado XIII*: Mudança de horário, por exemplo, tem-se a ocorrência de não-ditos da enunciação durante as práticas discursivas vivenciadas no CCA.

Pode-se observar também que o investigador, ao assumir o papel de ouvinte nestes contextos interativos, muitas vezes funciona como um “intérprete”, atribuindo sentido à entonação e à gestualidade corporal e facial do sujeito afásico.

A atribuição de sentido à linguagem do afásico, portanto, é tecida por afásico e não afásico, à medida que interpretam sentidos, explicitam propósitos, levantam dúvidas, fazem uso de negações, afirmações, inferências *etc*, tal como ocorre entre não afásicos.

A análise dos *dados-achados* mostra, assim, que a possibilidade de se fazer compreender vivenciada pelo indivíduo afásico é essencial para se manter como sujeito. E o trabalho realizado pelo outro, a fim de

compreender o que diz, é condição para que sujeitos falantes, afásicos ou não, produzam e interpretem sentidos.

E as situações interativas vivenciadas no CCA, em que se dá o processo de atribuição de sentido a processos verbais e não verbais de sujeitos afásicos (que esta pesquisa investiga), constituem, portanto, um espaço fundamental de reconhecimento de que a linguagem se apresenta em funcionamento na afasia.

*Data: 19/03/01 – Como já mencionado, nesta sessão está presente a pesquisadora suíça Ilm, em visita ao CCA.*

Investigadoras: Iap, Iic, Imc, Ilm

Sujeitos: AL, IC, RN, CF, AC

#### **Dado-achado XVIII: Basiléia no Brasil**

Enquanto conversam, a pesquisadora suíça, Ilm, escreve no papel o nome de sua cidade (Basiléia), em português, francês e alemão, o que chama a atenção de AL:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as Condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
AL	/segmento ininteligível/.	Baixa intensidade de voz.	Puxa o papel escrito por Ilm, olha e aponta o nome da cidade em três línguas.
Iic	Ba-si-lé-ia.	Silabando.	
Iic	Esse é o nome em português da cidade onde ela mora, seu AL.		
AL	/segmento ininteligível/.	Baixa intensidade de voz.	
Iic	O senhor achou engraçado?		
AL	/segmento ininteligível/.	Baixa intensidade de voz.	
Iic	Eh.		

Iic	E as outras duas também.		
Ilm	Tem vários nomes.		
Iic	Vários nomes.		
Ilm	Vários nomes.		
AL	Aqui.		
AL	/segmento ininteligível/.	Baixa intensidade de voz.	
AL	Aqui oh.		
AL	/segmento ininteligível/.	Baixa intensidade de voz.	Aponta para o nome no papel.
Imc	Maior, né?		
AL	Eh, não, não.		
Imc	O senhor consegue ler?		
AL	/segmento ininteligível/.	Baixa intensidade de voz.	
AL	/segmento ininteligível/.	Baixa intensidade de voz.	
AL	Oi, aqui.		Aponta para o papel.
Iic	É parecido com a do Brasil?		
AL	Não, não, não, não.		
Ilm	Longe?		
Imc	Grande?		
AL	Esse aqui, oi, oi /segmento ininteligível/.	Baixa intensidade de voz.	Mostrando o nome da cidade no papel.
Imc	‘Tá mostrando o A de AL?		
Ilm	São uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito letras.		
AL	Não, na-na-não /segmento ininteligível/.	Baixa intensidade de voz.	
Iic	Se a gente colocar aqui, aqui, seu AL, um r, forma que palavra aqui, é isso?		
AL	Não, não, não, aqui oh, aqui, aqui /segmento ininteligível/.	Baixa intensidade de voz.	Mostrando o nome no papel.
Iic	[Brasil?		
Imc	Ba-si-lé-ia.	Silabando.	
Al	[então		
Imc	O nome da cidade da professora.		
Imc	Basiléia.		
Imc	Esse é o nome da cidade dela.		
AL	Eh, eh, essa.		
Imc	Essa aí.		
Imc	Em português é Basiléia.		
AL	Aqui, oh, aqui.		

AL	/segmento ininteligível/.	Baixa intensidade de voz.	
Imc	O país?		
AL	Não, não, aqui, já voltei.		
Imc	Como é que a gente vai entender o sr.?		
Imc	É difícil pra nós também.		
Imc	Basiléia.		
Ilm	É também aqui em Brasil?		
Ilm	Um lugar...		
AL	Então, vai, [ki], isso.	TF	
Ilm	Tem um lugar que se chama, que se chama assim.		
AL	Eh, eh, isso, isso.		
Imc	Nossa, não.		
Imc	Pode ser Brasília?		
AL	Não, não.		
Imc	Brasília, não?		
AL	Essa, essa, escrito aí.		
Imc	Eh, Brasília?		
AL	Na-na-não.		
Imc	[parecido?		
Imc	Nossa, seu AL, que difícil.		
Iic	Seu AL, o senhor já viu uma cidade que tem o mesmo nome aqui no Brasil, é isso?		
AL	Eh, eh, bom, bom, sim, sim.		Faz sinal afirmativo com a cabeça.
Iic	É aqui em São Paulo, estado de São Paulo?		
Imc	[Basiléia.		
AL	Sim, sim , 'tá bom, bom, bom.		Aponta para o nome no papel.
Imc	É, pode ser.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística BDN Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

Neste *dado-achado*, Ilm escreve no papel o nome de sua cidade na Suíça (Basiléia), em português, francês e alemão. AL tenta dizer alguma coisa (puxa o papel escrito por Ilm, olha e aponta o nome da cidade), e as investigadoras procuram ajudá-lo. Pode-se perceber que os participantes, não conhecendo o contexto da informação a ser transmitida por AL, produzem inúmeras inferências que se distanciam do *intuito discursivo* de AL e tornam lenta a compreensão de seus recursos expressivos verbais e



não verbais (Ex: perguntam: "Longe?", "Grande", "'Tá mostrando o A de AL?"), assim como pode acontecer em um processo de atribuição de sentido entre não afásicos ou estrangeiros. É interessante destacar que AL não desiste de se fazer compreender, por um lado, e seus interlocutores não desistem de querer compreendê-lo, por outro. Esse envolvimento mútuo é uma característica forte da proposta discursiva de estudo da linguagem na afasia.

AL, por meio de negações e afirmações, responde às tentativas de entendimento das investigadoras, como por exemplo quando Imc pergunta "'Tá mostrando o A de AL?", e Ilm diz em seguida "São uma, duas, três, quatro, cinco, seis sete, oito letras." (referindo-se ao nome Basiléia), ao que AL responde "Não, na-na-não /segmento ininteligível/." Mais adiante Ilm pergunta "É também aqui em Brasil?", "Um lugar..." e AL responde "Então, vai, [ki], isso". A partir dessa afirmativa, Ilm entende que AL quer dizer que existe um lugar com esse nome, e Imc pergunta se é Brasília, ao que AL responde "Na-na-não". Então Iic pergunta "Seu AL, o senhor já viu uma cidade que tem o mesmo nome aqui no Brasil?, é isso?", obtendo a resposta afirmativa de AL: "Eh, eh, bom, bom, sim, sim". AL consegue, assim, por meio de confirmações e negações, fazer-se entender pelo grupo: existe uma cidade no Brasil com o nome de Basiléia, o que todos os presentes desconheciam.

***Dado-achado XIX: A filha de RN***

Na mesma sessão, enquanto conversam sobre a vida de cada um, Imc incentiva RN, que está calada, a participar:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as Condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
Imc	Oh RN, fala o nome da sua		

	filha pra professora.		
Imc	Tem uma filha linda.		
RN			Esconde-se atrás das mãos.
Imc	Vamos lá?		
Ilm	Como chama?		
Imc	Abaixa um pouquinho a mão pra gente vê.		
Iic	NN.	Falando o nome da filha de RN.	
RN	[NN		Tirando as mãos do rosto.
Imc	Isso.		
Ilm	NN, que linda.		
Ilm	E, que idade que é?		
RN			Sinal de um com a mão.
Ilm	Um año.		
RN			Sinal de quatro com as mãos.
Ilm	E quatro meses.		
Ilm	Hum, bem pequetita.		
CF		Risos.	
Iic	Mas assim sapequinha, né RN?		
Ilm	Pero cada dia um pouco mais crescida.		Sinal de tamanho com as mãos.
CF	Grande, ai.		
Imc	RN, ela 'tá falando?		
RN	Hum, hum.		Sinal afirmativo com a cabeça.
Imc	'Tá?		
Imc	'Cê fala alguma coisa com ela?		
RN	Não.		
Imc	Não, RN?		
CF	Epa, essau.		
Ilm	Já disse mamã?		
RN	Hum, hum.		
Ilm	Já disse? Ah, que belo.		
Ilm	Que bonito.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

O *dado-achado* acima permite observar que RN é uma pessoa afásica tímida, que se esconde atrás das mãos. Visando amenizar essa condição, Imc a incentiva a falar, pedindo que RN conte um pouco sobre

sua filha NN para a investigadora Ilm. Mesmo com poucos recursos verbais (RN diz NN ao mesmo tempo em que a investigadora Iic o faz, diz "Hum, hum" em resposta a Imc, que perguntara se sua filha já falava, diz "Não" ao ser questionada por Imc se falava alguma coisa com NN, e diz "Hum, hum" após a pergunta de Ilm "Já disse mamã?"), RN consegue, utilizando-se também de recursos não verbais (Faz sinal de um com a mão - indicando que a filha tinha 1 ano, faz sinal de 4 com a mão - indicando que a filha tinha um ano e quatro meses, faz sinal afirmativo com a cabeça ao mesmo tempo em que diz "Hum, hum", ao ser questionada por Imc se sua filha já falava), *contar* para a investigadora Ilm o nome e a idade de sua filha NN, e que ela já falava e dissera mamãe.

NOVAES-PINTO (op. cit.) destaca que observando os recursos alternativos dos quais os sujeitos se utilizam para construir seus enunciados, nos processos dialógicos, é possível obter pistas para avaliar suas dificuldades e compreender as variações de seu quadro.

A autora mostra que os temas abordados pelos sujeitos afásicos dizem respeito as suas próprias vidas, ao relacionamento com os outros, às dificuldades que enfrentam no dia-a-dia de convivência na sociedade, às notícias que os cercam e a respeito das quais são levados a se posicionar. A autora ressalta que a natureza das atividades desenvolvidas nas sessões dos grupos do CCA, bem como nas sessões individuais, possibilita observar essa atitude dos sujeitos para lidar com a afasia.

#### ***Dado-achado XX: Preocupação de CF com RN***

Agora o grupo conversa sobre uma notícia que saiu em uma revista, trazida por IC: o acidente com a Plataforma Marítima da Petrobrás, na Baía de Campos, Rio de Janeiro. Imc então pergunta se RN conhece a cidade de Campos, no Rio de Janeiro, e CF tenta dizer algo a todos:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as Condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
Imc	Conhece Campos, RN?		
Imc	Conhece Campos, RN, no Rio?		
RN	Hum.		Sinal afirmativo com a cabeça.
CF	Oh, tum-tum-tum, oh.		Une as mãos, imitando uma arma disparando.
CF	Oh, Senhor.	Tom: preocupação.	
Imc	Ah, o Rio?		Apontando para RN.
CF	Não.		
CF	Tum-tum-tum.		
CF	Oh, Senhor Jesus.	Tom: preocupação.	
Imc	Não entendi, CF.		
CF	Eh, eh.		Apontando RN.
Imc	A RN?		
CF	Eh, essau.	Tom: confirmação.	
CF	Eh, essau.		Faz sinal de tirar carteira do bolso.
Imc	Assaltantes?		
CF	Tam.	Risos. CF procura imitar o barulho de tiros de assaltantes.	
Imc	Mas aonde?		
CF	Não, eh, essau.		
Imc	No Rio?		
CF	Rio, oh Senhor Jesus.	Tom: preocupação.	
Imc	Mas em São Paulo também tem.		
Iic	‘Cê já foi assaltada lá no Rio?	Perguntando para RN.	
CF	Eh, essau, essau.	Tom: confirmação.	
Imc	Já foi RN, assaltada?		
RN			Faz sinal de tirar relógio com a mão.
CF	Eh, olha.		
RN	Assim, oh.		Faz sinal com a mão, como se tirasse o relógio de Ilm.
Imc	Ah.		
Iic	Ah, o relógio.		

CF	Relógio, eh.		
Imc	Aqui ou no Rio?		
RN		Quer dizer 'lá'.	Sinal com o dedo apontando para trás.
Imc	No Rio.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolingüística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

O *dado-achado* XX acima permite observar que a utilização de recursos não verbais por parte de CF tem papel fundamental para a compreensão de seu *intuito discursivo* por parte dos demais participantes da sessão.

Imc pergunta a RN se esta conhecia Campos, no Rio de Janeiro, esta responde que sim: "Hum, hum", o que desperta em CF a preocupação com a segurança de RN: CF diz "Oh, tum-tum-tum, oh", ao mesmo tempo em que une as mãos, imitando uma arma disparando. Imc não estava entendendo e CF aponta duas vezes para RN. Imc pergunta então se ela está se referindo a RN, e CF confirma: "Eh, essau", fazendo sinal de tirar a carteira do bolso. Imc pergunta se a preocupação de CF é com assaltos no Rio, ao que CF responde que sim: "Rio, oh Senhor Jesus". Imc diz a CF que em São Paulo também acontecem assaltos, e ela confirma: "Eh, essa, essau".

Diante da preocupação de CF, Imc pergunta então se RN já fora assaltada, e RN, também utilizando-se de recursos não verbais (Ex.: fazer sinal de tirar o relógio com a mão), conta que já roubaram seu relógio nessa cidade (ao ser questionada por Imc se fora assaltada em São Paulo ou no Rio, RN faz sinal com o dedo apontando para trás, querendo dizer 'lá' - no Rio).

Neste *dado-achado* também é possível observar que, considerando a dificuldade que apresenta CF em iniciar a expressão verbal, é por meio da entonação, em conjunto com a estereotipia "*essau*", as expressões

crystalizadas, como "Oh Senhor" e a gestualidade, portanto, que busca se fazer compreender.

### **Dado-achado XXI: Bandeirantes**

Na mesma sessão, continuando a conversa sobre as notícias da semana, IC tenta contar algo para o grupo:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as Condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
Iic	Não, não é isso que a senhora está me perguntando, Dona IC? Não.		
Imc	A senhora quer contar alguma coisa do prefeito de Cosmópolis.		
IC	Eh, eh.		
Imc	Durante essa semana agora, foi, é, uma notícia?		
Imc	Não.		
IC	[a manda de].	TF – escreve algo no papel.	
Imc			Ergue-se sobre a mesa para olhar o papel.
Iic	Ban...	A investigadora dá o <i>prompting</i> para Bandeirantes.	
IC	[a ban-dei-ran-tes].	TF - IC fala pausadamente "a bandeirantes".	
Iic	Ele inaugurou alguma estrada, é isso, não?		
IC	Eh, ah, ah.		
Imc	Teve algum acidente?		
Iic	Bandeirantes, a senhora 'tá falando da rodovia dos Bandeirantes, Dona IC?		
Iic	Não?		
IC			Olha na agenda.

Iic	Cidade de Bandeirantes, onde a CF nasceu.		
Iic	A senhora está falando da cidade de Bandeirantes, no Paraná?		
CF	[Essau.		
IC			Balança a cabeça negativamente e folheia a agenda.
IC	[cidade o de o de ora?].	TF – IC quer dizer ‘cidade onde você mora’, para Iic.	
Iic	Cidade onde ele mora?		
Iic	Onde eu moro?		
IC	Eh, eh.		
Iic	Monte Mor.		
CF	Ah, essau.		
Iic	Monte Mor.		
Iic	Monte Mor.		
IC		Escreve no papel.	
Imc	Monte Mor.		
Imc	Vê a caneta aí pra ela.		
Iic	Pega essa caneta aqui.		
IC		Escreve no papel.	Aponta com a mão.
IC	Ah, ah.		
Iic	O prefeito de Cosmópolis fez um acordo com o prefeito de Monte Mor?		
IC	Eh, ah.		
Iic	A respeito da Rodovia?		
CF	Não, essau, essau.		
Iic	Porque é assim, D. IC, eu sei que está pra inaugurar uma pista nova aqui, quando vem de Monte Mor, que é antes de você pegar aquela estrada dupla ali pra chegar na Bosch.		
Iic	Sai da Bandeirantes, tem um pontilhão ali que vai ser inaugurado e acho que sai próximo lá de Cosmópolis, é isso?		
Iic	Eu não sei se sai.		
Imc	Houve o encontro dos dois prefeitos?		
IC	Eh, eh.		

Imc	Os prefeitos se encontraram em Monte Mor?		
Imc	Em Cosmópolis?		
Imc	Não em Cosmópolis?		
IC	Não.		
Ilm	Em Bandeirantes.		
IC	Bandeirante.		
Imc	Bandeirante.		
Imc	Bandeirantes é o nome de uma cidade?		
IC	Não.		
IC		Escreve no papel.	
Imc	Bandeirantes é o nome de uma cidade?		
IC	Não.		
Imc	São os Bandeirante, foram homenagear os bandeirantes.		
IC	Oh, oh.		Mostra o papel para Iic.
Imc	Que que é isso?		
Iic	Ah, na TV!		
Iic	Ah, eles foram conversar!		
Imc	Quanto Bandeirante!		
Imc	Meu Deus do céu!		
Imc	Ah, tenha dó!		
Imc	Oh, eu oh, 'tô pensando nos Bandeirantes, nas entradas e bandeiras!		Faz gesto de bater com a mão fechada na testa, indicando perplexidade por lembrar dos Bandeirantes e não da TV Bandeirantes.
Imc	Não, é a TV Bandeirantes!		
Iic	Eles tiveram um encontro lá, e foi televisionado?		
IC	[Eh.		
IC	Eh.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

Neste *dado-achado*, inúmeras foram as conclusões que se distanciaram do *intuito discursivo* de IC, que desejava contar que os prefeitos de Cosmópolis e Monte Mor haviam se encontrado na TV Bandeirantes (Iic pergunta se Bandeirantes é a Rodovia, se é a cidade onde CF nasceu, Imc pergunta se eram os Bandeirantes, das entradas e



bandeiras), mas o interesse constante por parte dos interlocutores em relação a processos verbais e não verbais produzidos por IC tornaram possível a inter-compreensão: IC, com poucos recursos verbais, está tentando contar uma notícia sobre o prefeito de Cosmópolis, e perguntando o nome da cidade onde Iic mora - Monte Mor, consegue com que Iic entenda que a notícia trata dos prefeitos das duas cidades. Imc pergunta se os prefeitos se encontraram, e IC confirma: "Eh, eh", segue perguntando se os prefeitos se encontraram em Monte Mor ou Cosmópolis, e se Bandeirante é o nome de uma cidade, e IC responde negativamente. IC, que procura recorrer desde o início à escrita, escreve TV e mostra para Iic, que pergunta se o encontro dos prefeitos de Cosmópolis e Monte Mor aconteceu na TV Bandeirantes, ao que IC responde afirmativamente: "Eh.", "Eh."

O *dado-achado XXI* acima permite observar, portanto, o quanto pode ser dificultoso e lento um processo de atribuição de sentido, quando os demais participantes da sessão não partilham pressupostos de conhecimento (nenhum dos participantes desta sessão sabia qual era a notícia que IC estava tentando contar), o que também pode ocorrer entre não afásicos.

*Data: 04/10/01 – Apresentação de novo integrante ao grupo: RC. Imc propõe a todos os participantes perguntarem algo sobre ele, para conhecê-lo.*

Investigadores: Imc, Ijt

Sujeitos: SP, EF, MG, SI, NF, CL, MJ, RC

### ***Dado-achado XXII: Pergunta de EF***

Enquanto RC conta como adquiriu a lesão no cérebro (durante uma briga envolvendo várias pessoas), EF pergunta:

Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as Condições de produção de processos	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não
------------------	-------------	--	--

		<b>significação verbais</b>	<b>verbais</b>
EF	Eh, [pezo].	TF - EF quer dizer preso.	
Imc	Quê?		
EF	[pezo].	TF - EF quer dizer preso.	
Imc	Quanto que ele pesa?		
EF	Não!		
Ijt	Preso.		
Imc	Ah!		
Imc	Se ele foi preso?		
EF	Não.		
Imc	O grupo?		
Ijt	As pessoas que bateram foram presas?		
Imc	As pessoas que bateram nele foram presas?		
RC	[tʃu-tʃu].	TF – RC quer dizer ‘não-não’.	Sinal negativo com a cabeça.

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

No *dado-achado* acima, em que o contexto do assunto comentado por EF (que queria saber uma informação relativa ao ocorrido com RC, quando adquiriu a lesão cerebral, numa briga envolvendo várias pessoas) era do conhecimento de todos, o processo de atribuição de sentido se dá rapidamente.

Com a presença de *interlocutores ativos*, que se interessam pela inter-compreensão, e neste caso, tem conhecimento do assunto abordado, as inferências produzidas (Ex.: Ijt: “Preso.”, Imc: “O grupo?”) possibilitam compreender o *intuito discursivo* de EF, que queria saber se as pessoas que bateram em RC haviam sido presas.

### ***Dado-achado XXIII: A queda de abacates no teto do CCA***

Na mesma sessão, o grupo conversa sobre a presença de um abacateiro ao lado do CCA, cujos abacates tinham caído e furado o teto do CCA. Havia alguns abacates em cima da bancada da pia e Imc pergunta a todos se gostam de comer abacate:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as Condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
Imc	Como é que vocês gostam de comer abacate?		
NF	Ah, eu gosto.		
Imc	Como?		
EF	[eh, co, co, asucar].	TF – EF quer dizer ‘eh, com açúcar’.	
Imc	E salada de abacate?		
EF	Ah, ah.		Sinal positivo com a mão.
MJ	Eu como [se-salada].	TF	
Imc	Salada? A salada.		
Ijt	Eu prefiro com açúcar.		
Imc	Eu também.		
MG	E vocês duas?		
Imc	Tradicional.		
Imc	Açúcar.		
EF	Limão, ah.		
Imc	Limão.		
Ijt	Limão.		
Imc	Olha, a MG perguntou.		
MG	E vocês duas?		
Imc	Como preferem o seu abacate?		
CL	Como é que eu como?		
CL	Eu amasso, ponho açúcar e como.		
Imc	Limão, a senhora põe também umas gotinhas de limão?		
Imc	Põe limão também?		
CL	/segmento ininteligível/.	Baixa intensidade de voz.	
MG	Eu só não gosto de... //hesitação//.		Faz sinal de dúvida com a mão.
SI	Açúcar?		
SI	‘Cê não gosta?		
Imc	Com açúcar não.		
MG	Não.		
Imc	Seu SP gosta com açúcar?		
Imc	Como todo francês, come na salada.		

Imc	Limão, azeite.		
Imc	De la moutarde.		
Imc	Ah, tá bom.		
Imc	E a SI?		
SI	Ah, eu não gosto de abacate.		
Imc	Pronto.		
Imc	Eu adoro abacate.		
NF	Meu Deus, eu gosto.		
SI	[ga-ga-ganha] e dá [pro-po-po] vizinho.	TF	
Imc	Ganha e dá pro vizinho.		
Imc	Pronto, já resolveu.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

A pergunta feita por Imc, acerca do gosto por abacate dos participantes do grupo, propicia oportunidade a todos de se expressarem verbal (como quando Imc pergunta o gosto de SI e esta responde: "Ah, eu não gosto de abacates".) e gestualmente (por exemplo, quando Imc pergunta se gostam de salada e EF responde: "Ah, ah.", fazendo um sinal positivo com a mão). Assim, a participação da investigadora Imc, abrindo espaço para que todos se expressem (Ex.: "Como vocês gostam de comer abacate?"), dá oportunidade para que afásicos e não afásicos exerçam seus papéis de sujeitos *da* e *na* linguagem. (Ex.: As participações de EF – "[eh, co, co, asucar].", querendo dizer que gosta de comer abacate com açúcar, e de MJ – "Eu como [se-salada].", querendo dizer que gosta de salada de abacate).

#### ***Dado-achado XXIV: A tinta desconhecida***

Continuando a conversa, seu EF tenta contar algo a Imc:

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as Condições de produção de processos de significação verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais</b>
EF	Imc, [’ita: a].	TF - quer dizer tinta.	Aponta para a prateleira.

Imc	RC?		
EF	[ 'ita: a].	TF – quer dizer tinta.	Coloca a mão em NF.
Imc	Quinta-feira?		
SP	[ 'kita, 'va].	TF - querendo dizer quinta -feira.	
EF	Não.		
Imc	Tenta falar, seu EF.		
EF	[teta, teta].	TF - quer dizer tinta.	Aponta a prateleira e fala para Imc.
Imc	Abacate dá tinta?		
EF	Ah, ah, oh, oh.		
Imc	Explica um pouco.		
EF	[tinta a-ba-ca-te].	TF - Silabando. EF quer dizer que abacate dá tinta.	
Imc	O quê?		
Imc	'Peraí seu EF, ' cês entenderam?		
Imc	'Cês entenderam?		
MG	Não.		
Imc	Vai, vai lá, explica.		
EF			Aponta o abacate.
Imc	O abacate...		
Imc	Mas o interior, o exterior, a casca ou o miolo?		
Imc	Ah, ah massinha lá?		
SP	O miolo.		
Imc	O miolo dá pra fazer tinta?		
SP	Não, não, o abacate lá, o abacate tem, o abacate.		
Imc	Não, mas ele falou tinta.		
EF	[ti-ta,ti-ta].	TF - quer dizer tinta.	Aponta o abacate.
Ijt	A seiva do abacate é usada para fazer tinta.		
Ijt	A seiva da árvore.		
Imc	Nunca soube disso.		
Imc	'Cê sabe disso, RC?		
Ijt	O abacate tem uma seiva que se gruda, gruda, fica colada.		
Ijt	Aquela seiva lá.		
Imc	Mas é da folha ou o fruto?		
EF	Não.		Aponta o abacate.
Imc	Do fruto.		
EF	Oh, oh, oh.	Tom: afirmativo.	

Imc	Mas é usada... nunca soube disso.		
-----	-----------------------------------	--	--

Fonte: Banco de Dados em Neurolingüística – BDN – Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

Neste *dado-achado*, a interação e a participação ativa de todos os presentes na sessão tornam-se essenciais para que o processo de atribuição de sentido se dê. A investigadora Imc não tinha conhecimento do assunto comentado por EF (que é possível extrair tinta do abacate), dificultando o entendimento. Mas, com a ajuda das inferências produzidas por Ijt, que conhecia um pouco o assunto (Ex.: “A seiva do abacate é usada para fazer tinta”), a compreensão do *intuito discursivo* de EF<sup>42</sup> (Ex.: [’ita: a], [tinta a-ba-ca-te], [ti-ta,ti-ta] - apontando para o abacate) é possível: contar que o abacate tem uma substância que pode ser extraída e utilizada para fazer tinta.

Pode-se também notar que o processo de atribuição de sentido por afásicos e não afásicos, que se dá no interior das práticas discursivas desenvolvidas no CCA, nem sempre ocorre de imediato, passando às vezes por inúmeras situações que se distanciam do verdadeiro *intuito discursivo* do sujeito afásico, exigindo um processo de atribuição de sentido lento, que mobiliza todos os participantes. É o que acontece em alguns momentos, por exemplo, no *dado-achado* XVIII – Basiléia no Brasil: Iic – “É parecido com a do Brasil?”, Ilm – “Grande?”, Imc – “Pode ser Brasília?”, entre outras perguntas que se afastam da intenção discursiva de AL: contar que havia uma cidade no Brasil com o nome de Basiléia.

Os *dados-achados* permitem observar como se dá a atribuição de sentido ao que é dito, ou seja, inserido em um cruzamento de vários sistemas verbais e não verbais que circulam simultaneamente: linguagem - jornal, TV, revistas -, gestos, percepção, conhecimentos partilhados, pressupostos de conhecimento, imagens recíprocas sobre o outro e o

<sup>42</sup> Vale aqui lembrar que os problemas articulatórios (fonéticos) decorrentes do acontecimento neurológico fazem com que EF produza até mesmo segmentos que não fazem parte do inventário fonológico do Português.

referente, imagens e representações visuais, musicais, ferramentas eletrônicas *etc.*, e em meio à linguagem se apresentando como discurso.

A situação ou contexto observado em um *dado-achado* não é apenas um espaço geográfico e físico que se apresenta como variável para o processo de interpretação: é um espaço relacional que se tem no próprio discurso porque mesmo seus aspectos circunstanciais têm que ser vistos pela perspectiva que os participantes instauram e pela incorporação específica que estes fazem dessa situação na produção de seu discurso. A construção conjunta da significação pelos interlocutores é resultado de estratégias que põem em jogo na composição das expressões aos múltiplos fatores contextuais e de ação recíproca. Trata-se de fazer convergir para a significação a multiplicidade desses fatores.

## Considerações finais

O que se conclui de um estudo inicial da atribuição de sentido a processos de significação verbais e não verbais afetados pela afasia, por um lado, e a produção de sentido por afásicos e não afásicos inseridos em uma comunidade discursiva, como o CCA parece funcionar?

É crucial, de acordo com uma visão enunciativo-discursiva da afasia, mostrar a linguagem em funcionamento nesse contexto, mesmo fragmentária e com recurso a processos de significação alternativos, verbais e não verbais. É por exemplo, o que ocorre no *dado-achado XX – Preocupação de CF com RN*, em que o gesto/corpo adquire um valor prioritário em relação à linguagem verbal, afetada pela afasia: CF une as mãos e imita uma arma disparando, aponta RN, faz sinal de tirar a carteira do bolso. Por meio da gestualidade, CF manifesta sua preocupação com RN, querendo saber se já fora assaltada no Rio de Janeiro, e RN, também utilizando-se de recursos não verbais (Ex.: fazer sinal de tirar o relógio com a mão, fazer sinal com o dedo, apontando para trás), conta que já roubaram seu relógio nessa cidade.

Nesse e em todos os *dados-achados* que compõem o *corpus* desta Dissertação, os interlocutores abrem espaço para a ocorrência tanto da linguagem verbal quanto da não verbal, por parte do indivíduo afásico, como se dá no *dado-achado XIX - A filha de RN*, em que, por exemplo, Imc pergunta à RN “Como chama?”, “RN, ela ‘tá falando?”, e Ilm, por sua vez, pergunta “E, que idade que é?”, incentivando RN a falar sobre sua filha.

No *dado-achado XXI – Bandeirantes*, IC recorre à escrita [TV] para finalizar o processo de inter-compreensão. Outro exemplo de utilização de recursos alternativos, por parte do afásico, ocorre no *dado-achado XVII – A receita*, em que os detalhes do preparo da atividade



prática de fazer lasanha estão sendo combinados e IC traz a embalagem de massa para mostrar ao grupo.

Nessa proposta linguisticamente informada, a utilização de recursos não verbais tem papel fundamental para a compreensão do *intuito discursivo* do sujeito afásico por parte dos demais participantes da sessão, como se pode observar, por exemplo, no *dado-achado* XIII – **Mudança de horário**, em que CF mostra o relógio para Imc e faz sinal com a mão imitando uma direção de automóvel (querendo dizer que tem horário marcado para ir embora com a peruca), ao ser questionada pela investigadora sobre a possibilidade de marcar um horário com a nova fonoaudióloga. Considerando o conhecimento compartilhado por Imc e CF de que CF vai embora de peruca e tem horário marcado para voltar para casa, Imc compreende os não-ditos presentes nestes gestos e consegue combinar com CF que a peruca será avisada sobre um novo horário de saída.

É possível notar também, em vários *dados-achados* apresentados nesta Dissertação, a quantidade de respostas em que os sujeitos afásicos confirmam ou negam o que foi dito. No *dado-achado* IV – **Roberto Carlos**, por exemplo, SP consegue contar à Imc que seu filho trabalhava como advogado em uma das concessionárias de Roberto Carlos, por meio principalmente de confirmações ou negações às perguntas que vão sendo feitas pela investigadora. Tal fato direciona a conversação, contribuindo para que ocorra a atribuição de sentido a processos de significação verbais e não verbais de sujeitos afásicos.

O que é interessante, do ponto de vista neurolinguístico, é que linguagem, gestos/corpo e percepção mantêm relação no uso produtivo da linguagem tanto em contextos normais quanto em patológicos. E de que maneira isso ocorre na visão discursiva adotada neste estudo? Por meio de *práticas discursivas* – que correlacionam na vida em sociedade sistemas verbais e não verbais – como já vimos, a culinária, a leitura de jornais e

revistas, o uso de ferramentas eletrônicas *etc.* Na abordagem discursiva da afasia que faz uso de teorias lingüísticas para analisar o objeto que se investiga tem-se o conceito de *dado-achado*, chave teórico-clínica para o estudo da atribuição de sentido que se propõe.

Tanto afásicos quanto não afásicos exercem diferentes papéis discursivos, comportando-se como interlocutores ativos nas *práticas discursivas* em que se envolvem, questionando, construindo inferências, confirmando, negando, enfim, atribuindo sentido aos processos de significação verbais e não verbais de sujeitos afásicos, o que pode ser observado nos *dados-achados* apresentados nesta Dissertação.

Tem precedência a essa visão de linguagem e de afasia a tradição de tratar (d)a linguagem, no contexto patológico, de forma reduzida, o que tem conseqüências para a avaliação e acompanhamento clínico da afasia. Nessa tradição, a concepção de linguagem se assenta em uma perspectiva de língua como um código que, diferentemente da visão discursiva, propõe uma série de tarefas de natureza metalingüística que prescindem da interação e da (inter)subjetividade, do contexto, da linguagem em funcionamento e de formas alternativas de *dizer/mostrar*.

Para finalizar, retoma-se uma qualidade fundamental do CCA, qual seja a de se apresentar como um lugar de *exercício vivo da linguagem e de suas relações com sistemas não verbais*, em que os afásicos interagem tanto com outros afásicos quanto com não afásicos. E essa dinâmica quem administra são todos os integrantes do grupo, embora, haja, claro, interlocutores com papéis determinados, orientados por um saber técnico. Não se perde de vista neste estudo, e naqueles que se inscrevem na abordagem discursiva nele apresentada, a questão de que apesar do acontecimento neurológico que afeta a linguagem e outros processos cognitivos (práxis, percepção, memória) *há linguagem em funcionamento*

*na afasia. Assim, não se perde de vista o espetáculo da afasia, em que é possível tanto percebê-lo quanto ouvir uma linguagem.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDINI, MARIA BEATRIZ GOBBY – *Notas sobre a questão da inferência*, Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1991.

BAKHTIN, MIKHAIL - *Estética da Criação Verbal*, 289-326, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BENVENISTE, ÉMILE - *Problemas de Lingüística Geral*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

CAGLIARI, LUIZ CARLOS; GLADIS MASSINI-CAGLIARI - *Diante das letras: a escrita na alfabetização*, Campinas: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil - ALB, São Paulo: FAPESP, 2001.

CAGLIARI, LUIZ CARLOS - *Afabetização e Lingüística*, São Paulo: Scipione, 1989.

COUDRY, MARIA IRMA HADLER; POSSENTI, SÍRIO - “Avaliar Discursos Patológicos”, In *Cadernos de Estudos Lingüísticos 5*; 99-109, Campinas - SP: UNICAMP/IEL (Setor de Publicações), 1983.

COUDRY, MARIA IRMA HADLER - *Diário de Narciso: discurso e afasia*, São Paulo: Martins Fontes, 1986/88.

----- “Neurolingüística e Lingüística”, in Benito Damasceno & Maria Irma Hadler Coudry (editores), *Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística*. Série de Neuropsicologia - Volume IV, 12-19, SBNp, São Paulo: Tec Art, 1995.

----- “O que é dado em Neurolingüística?” In Maria Fausta Pereira de Castro (org.), *O método e o dado no estudo da linguagem*, 179-192, Campinas - SP: Ed. da UNICAMP, 1996.

----- “10 anos de Neurolingüística no IEL”, In *Cadernos de Estudos Lingüísticos 32: Neurolingüística*, 9-23; Campinas - SP: UNICAMP/IEL (Setor de Publicações), 1997.

----- "Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da Neurolingüística", In *Cadernos de Estudos Lingüísticos 42: História das idéias lingüísticas*, 99-129; Campinas - SP: UNICAMP/IEL (Setor de Publicações), 2002.

----- “Há linguagem na afasia: avaliação neurolingüística” - Trabalho apresentado no XLVII Seminário do GEL, Assis - SP, de 18 a 20 de maio de 2000/CD ROM.

FLOSI, LUCIANA - *A Relação Dinâmica da Linguagem Oral com a Escrita e Gestos na Afasia*, Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2003.

FOUCAULT, MICHEL - *A ordem do discurso*, São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRANCHI, CARLOS – “Linguagem – Atividade Constitutiva”, In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 22; 9-39, Campinas - SP: UNICAMP/IEL, 1992.

FREIRE, MARIA FERNANDA PEREIRA – *Enunciação e discurso: a linguagem de programação Logo no discurso do afásico*, Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1999.

FREITAS, M. S. - *Alterações fono-articulatórias nas afasias motoras: um estudo lingüístico*, Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1997.

GERALDI, JOÃO W. – *Portos de Passagem*, São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ILARI, RODOLFO - "Anáfora e correferência: por que as duas noções não se identificam?", In: *Caderno de Estudos Lingüísticos* 41; 91-109, Campinas - SP: UNICAMP/IEL, 2001.

KOCH, INGEDORE VILLAÇA – *A Inter-ação pela Linguagem*, 2<sup>a</sup> edição, São Paulo: Ed. Contexto, 1995.

MAINGUENEAU, DOMINIQUE – *Novas tendências em análise do discurso*, tradução Freda Indursky, Campinas - SP: Pontes Editores, 1989.

----- (Sem título), Comunicação realizada no I Congresso Internacional da ABRALIN, Salvador - BA, 1994.

MARCUSCHI, LUIZ ANTÔNIO – *Análise da Conversação*, São Paulo: Ática, 1986.

MORATO, EDWIGES MARIA – “Processos de Significação e Pesquisa em Neurolingüística”, In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 32; 25-35, Campinas - SP: UNICAMP/IEL (Setor de Publicações), 1997.

----- “As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro)lingüística à questão social” (no prelo).

OLIVEIRA, ROBERTA PIRES DE - *As faces do rosto*, Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1991.

OSAKABE, HAQUIRA - *"Argumentação e Discurso Político*, São Paulo: Kairos Liv. e Ed., 1979.

PINTO, ROSANA DO CARMO NOVAES - *Agramatismo: Uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem*, Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1992.

----- *A Contribuição do Estudo Discursivo para uma Análise Crítica das Categorias Clínicas*, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

SCARPA, ESTER MIRIAM - "Sobre o sujeito fluente", In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 29; 163-184, Campinas - SP: UNICAMP/IEL, 1995.

SCHEGLOFF, Emanuel A. - "Analysing Single Episodes of Interaction: An Exercise in Conversation Analysis", In *Social Psychology Quartely*" - Volume 50, Número 2; 101-114, Washington, D.C.: American Sociological Association, 1987.

----- "On some gestures' relation to talk", In *Structures of Social Action (Studies in Conversation Analysis)*, 266-296, Cambridge University Press and Editions de la Maison des Sciences de l'Home, 1996.

VIGOTSKY, L. S. - *"A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores"*, (org.): Michael Cole... [et al.]; São Paulo: Martins Fontes, 1984.